

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA INCLUSÃO PRÉ-ESCOLAR
NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES

Orientadora: Profa. Dra. Fabiana Cia

Co-Orientadora: Ms Carla Ariela Rios Vilaronga

Aluna: Débora Lucila Carlos

São Carlos, 2013.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**“RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA INCLUSÃO PRÉ-ESCOLAR NA
PERSPECTIVA DE PROFESSORES”.**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Banca Examinadora do Departamento de Psicologia (Depsi) da UFSCar como requisito oficial para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Especial, sob a orientação da Profª Drª Fabiana Cia e Co-orientação de Carla Ariela Rios Vilaronga.
Financiamento CNPq.

São Carlos, 2013.

BANCA EXAMINADORA

PROF^a DR^a Fabiana Cia (Orientadora)

MS^a Carla Ariela Rios Vilaronga (Co-orientadora)

PROF^a DR^a Juliane Ap^a de Paula Perez Campos (UFSCar)

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família por me apoiar durante esta jornada e acreditar na minha capacidade em trilhar esse caminho, o caminho da educação. Meu sincero obrigada!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus que me fortaleceu durante essa caminhada, e a minha família em especial minha mãe Ivete e meus irmãos Diego e Flávia pelo grande apoio e eterno amor.

A minha professora e orientadora Prof^a Dr^a Fabiana Cia por ter me dado à oportunidade de andar por caminhos diferentes do que eram pretendidos por mim, como a Educação Infantil e o brincar que despertou em mim uma nova paixão. Por ter depositado em mim sua confiança nesse projeto no qual aprendi muito e que foi de grande valia para a minha vida acadêmica e profissional. Obrigada!

Eternamente grata a Ms^a Carla Ariela Rios Vilaronga pedagoga do curso, por ter acreditado e embarcado em meus projetos e me convocado sempre para os seus, por suas correções célebres, conselhos e principalmente por acreditar em mim. Obrigada!

A Prof^a Dr^a Juliane Ap^a de Paula Perez Campos por ter aceitado compor a banca e por dar suas contribuições, meu sincero obrigada!

As minhas amigas por estarem ao meu lado durante esses quatro anos, me incentivando e acreditando que eu poderia realizar tudo que desejasse. E por me proporcionarem momentos inesquecíveis. Amo vocês!

“Falarei do valor de educar no duplo sentido da palavra “valor”:
quero dizer que a educação é valiosa e válida, mas também que
é um ato de coragem, um passo a frente da valentia humana.
Covardes ou receosos abstenham-se”. (Fernando Savater)

Resumo

A família e a escola são instituições fundamentais para o desenvolvimento das crianças, tendo cada uma seu papel e contribuição. A relação entre esses dois ambientes torna-se fundamental na educação infantil, observando-se que quando essa relação acontece existe um aumento do aprendizado e do desenvolvimento, principalmente quando se refere a crianças público alvo da educação especial. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo investigar a opinião de professores pré-escolares sobre a relação família e escola de crianças público alvo da educação especial. Participaram do estudo 21 professores pré-escolares da rede municipal de ensino. A coleta de dados ocorreu por meio de um grupo focal que ocorreu durante o curso de formação “Relação família e escola no contexto da inclusão” em cinco encontros, nos quais responderam ao roteiro de entrevista. Em cada encontro eram respondidas as questões dos eixos temáticos: (1) Família; (2) Importância da família para o desenvolvimento da criança; (3) Família de crianças público alvo da educação especial; (4) Relação família e escola e (5) Estratégias para promover a relação família e escola. Os 21 professores foram divididos em três grupos, no qual que cada grupo tinha presente um moderador e um relator. As discussões das questões tiveram duração aproximada de 45 minutos por encontro. Após as transcrições dos encontros, foram criadas categorias que tinham por objetivo traduzir falas significativas dos professores, sendo posteriormente, cada categoria analisada e discutida através da análise do conteúdo. Tendo como suporte teórico a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner, que entende que o desenvolvimento humano se dá por meio da interação entre quatro núcleos que estão inter-relacionados (o processo, a pessoa o contexto e o tempo), verificou-se que há uma diversidade de concepções e constituições de família e que, tanto as informações pessoais dos pais, quanto às da criança eram importantes. Quanto à importância da família para o desenvolvimento da criança, os professores apontaram o comportamento como fator relevante. Além disso, os professores consideraram que a superproteção, a aceitação e a participação na escola eram as principais características das famílias de crianças público alvo da educação especial. Entende-se a escola como aberta para a relação entre escola e pais; que essa relação traz benefícios às crianças; que as constantes observações e as conversas com os pais auxiliam no desenvolvimento. E, por fim, quanto às estratégias da escola para trazer as famílias, houve unanimidade entre os professores em destacar as festividades e reuniões, sendo novas estratégias e projetos são bem vindos. No entanto, às escolas precisam de suporte para criar estratégias a fim de estreitar essa relação, assim como programas de intervenção com professores ou o ensino colaborativo entre professores de educação especial e professores da classe comum. Assim, a presente pesquisa oferece dados importantes que podem ajudar a compreender e a facilitar a relação família escola de crianças público alvo da educação especial.

Palavras-chave: Educação Especial. Relação família e escola. Inclusão. Educação infantil.

Índice de quadros:

Quadro 1. Encontros do grupo focal, sua temática e questões problematizadoras.....	25
Quadro 2. Categorias: Qual a concepção de família?.....	27
Quadro 3. Categorias: Quais são as possíveis constituições familiares?.....	30
Quadro 4. Categorias: Quais as informações que são importantes que o professor saiba sobre a família?.....	33
Quadro 5. Categorias: Qual a importância da família para o desenvolvimento infantil?.....	36
Quadro 6. Categorias: Quais os comportamentos dos pais ou cuidadores que contribuem com o desenvolvimento dos filhos?.....	38
Quadro 7. Categorias: O que os pais podem fazer para auxiliar os filhos na escola?.....	40
Quadro 8. Categorias: Quais são as características das famílias de crianças público alvo da educação especial?.....	43
Quadro 9. Categorias: Quais são os recursos e as necessidades das famílias de criança público alvo da educação especial?.....	45
Quadro 10. Categorias: Quais os comportamentos que auxiliam na inclusão da criança pré-escolar?.....	47
Quadro 11. Categorias: O que é a relação família e escola?.....	50
Quadro 12. Categorias: Qual a importância família e escola de crianças incluídas?.....	51
Quadro 13. Categorias: Tem alguma política ou ações na escola que auxiliam na relação família e escola?.....	54
Quadro 14. Categorias: Como os professores podem auxiliar os pais no desenvolvimento dos seus filhos?.....	55
Quadro 15. Categorias: Como os pais podem auxiliar os professores na inclusão de seus filhos?.....	56
Quadro 16. Categorias: Quais as estratégias na escola que são realizadas para fomentar a relação família e escola?.....	59
Quadro 17. Categorias: Quais as estratégias que a escola poderia fazer para aproximar os pais nas atividades escolares do filho em casa e na escola?.....	60

Sumário

Introdução.....	10
Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner.....	10
Inclusão na Educação Infantil.....	13
Famílias de crianças público alvo da educação especial.....	15
Relação família escola.....	17
Método.....	22
Participantes.....	22
Aspectos Éticos.....	22
Local de coleta de dados.....	22
Instrumentos.....	23
Procedimentos de coleta de dados.....	23
Procedimentos de análise dos dados.....	26
Resultados e discussão.....	27
Considerações finais.....	62
Referências.....	65
Apêndices.....	69

Introdução

A presente pesquisa faz parte de um projeto maior, coordenado pela orientadora. Tal projeto, intitulado RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA E IDENTIFICAÇÃO DOS RECURSOS E DAS NECESSIDADES DOS PAIS DE PRÉ-ESCOLARES INCLUÍDOS (processo número: 401601/2011-0), tem por objetivo principal o de investigar a relação família e escola e as características de famílias de crianças público alvo da educação especial, matriculadas na educação infantil. Assim, essa pesquisa investiga a opinião de professores pré-escolares sobre a relação família e escola de crianças público alvo da educação especial, sob a perspectiva da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. Assim, a revisão de literatura conta com os seguintes tópicos: (a) Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner; (b) Inclusão na educação infantil; (c) Famílias de crianças público alvo da educação especial e (d) Relação família e escola.

Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano trata da importância e da influência dos ambientes no desenvolvimento humano, possibilita a análise das interações dos contextos em que a pessoa em desenvolvimento estão inseridas, como as interações afetivas e as relações dinâmicas interpessoal (BRONFENBRENNER, 1996).

Para o Modelo Ecológico o desenvolvimento humano é:

[...] o processo através do qual a pessoa desenvolve uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo (BRONFENBRENNER, p. 24).

Dentro da perspectiva Ecológica tem-se uma ampla ênfase no contexto, em que se considera um conjunto de sistemas interdependentes que se diferencia em quatro níveis. O primeiro nível é o *microsistema* que se refere a um modelo de atividades, papéis e relações interpessoais experienciado pelo indivíduo em desenvolvimento, em nosso caso, a crianças público alvo da educação especial (PAEE)¹ num dado ambiente. Esse ambiente é um local onde esse indivíduo interage face a face com o outro, como

¹ Segundo o documento da política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), alunos PAEE são: alunos com deficiência (física ou sensorial), alunos com transtornos globais do desenvolvimento e alunos com altas habilidades/superdotação.

por exemplo, a família (pais ou responsáveis), ou a sala de aula (professora e seus pares) da criança PAEE.

O segundo nível é o *mesossistema*, que inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes no qual o indivíduo em desenvolvimento participa, ou seja, é um sistema de microsistemas e ele se forma ou se amplia cada vez que a pessoa entra em um novo ambiente. Por exemplo, a relação da família da criança PAEE com a escola (BRONFENBRENNER, 1996).

O terceiro nível é o *exossistema*, que se refere a um ou mais ambientes onde a pessoa em desenvolvimento não se envolve como um participante ativo, mas onde ocorrem eventos que a afeta pelo que acontece nesses ambientes, como por exemplo, as reuniões de HTPC (Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo) entre coordenação e professores da criança PAEE ou mesmo o trabalho dos pais. O último nível é o *macrossistema*, que se refere aos sistemas de valores e crenças de uma cultura ou subcultura, como por exemplo, o documento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), assim como outros documentos que apontam para a importância de os pais de crianças PAEE estabelecerem uma relação com a escola de seus filhos. Assim, as políticas públicas são importantes para que os pais participem de maneira ativa das atividades escolares dos filhos, garantindo legalmente e sugerindo mecanismos que permitem essa maior participação.

Contudo, a teoria evoluiu e seus conceitos principais foram revisados quanto a sua importância na compreensão do desenvolvimento humano. A partir dessa evolução começou a considerar quatro aspectos inter-relacionados que são: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. Essas alterações levaram ao modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano (PRATI et al., 2008). O *contexto*, continua com sua subdivisão em quatro níveis de interação, o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema, como explicitado anteriormente (BRONFENBRENNER, 1996).

Segundo Prati et al. (2008), que aborda a teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, um dos aspectos do modelo Bioecológico é *Processo*, que diz respeito a processos de interações de trocas mais complexas entre um indivíduo ativo e pessoas, objetos e símbolos no seu ambiente externo imediato. Para ser efetiva para o desenvolvimento, essa interação deve ser regular por meio de longos períodos de tempo e tais formas são definidas como *processos proximais*. Os processos proximais são necessários para o

desenvolvimento das capacidades biológicas e do potencial genético de cada indivíduo, possibilita que recursos pessoais sejam estimulados. São cinco aspectos que definem um processo proximal: (a) a pessoa deve ser engajada na atividade; (b) esta atividade deve acontecer em uma base relativamente regular, através de períodos estendidos de tempo; (c) as atividades devem ser progressivamente mais complexas; (d) deve haver reciprocidade nas relações interpessoais e (e) os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato deve estimular a atenção, exploração, manipulação e imaginação do indivíduo em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996).

Outro aspecto é a *Pessoa*, que é descrito como um ser biológico e psicológico que interage constantemente em seu contexto e é produto desse processo de interação e três características que evidenciam a influência no curso do desenvolvimento que são: (a) as *disposições* que mostram o conjunto dos processos proximais no espaço determinado de domínio particular; (b) os *recursos bioecológicos*, que reúnem as habilidades, experiências, conhecimentos e capacidade que são essenciais para que os processos proximais sejam eficazes em diferentes estágios do desenvolvimento e (c) as *demandas*, que são aspectos que podem estimular ou inibir reações do ambiente social imediato do indivíduo e podem romper ou manter a conexão com o processo proximal.

E o último aspecto é o *tempo* que abarca dois sentidos, o primeiro sentido é o microgenético, em que a interação acontece entre o indivíduo em desenvolvimento e aqueles que ele convive dia a dia como, por exemplo, crianças PAEE e seus pais ou responsáveis. O segundo sentido diz respeito à passagem do tempo histórico, que tem dimensionado e estruturado os diferentes sistemas culturais como, por exemplo, as leis que salientam a importância de incluir crianças PAEE na escola comum (POLÔNIA; DESSEN; SILVA, 2005).

Considera-se também nessa revisão que teve a teoria bioecológica a noção de *cronossistema* como mais um nível de contexto de desenvolvimento e para uma melhor compreensão dos processos em que mudanças e estabilidade ocorrem, tanto na vida da pessoa como no seu tempo histórico. Pode ser analisado em três níveis de tempo: (a) o primeiro é o *microtempo* que é a continuidade frente aos processos proximais como, por exemplo, as atividades desenvolvidas pela criança PAEE na escola em interação com seus pares ou professor como em brincadeiras que devem ocorrer em certo período de tempo e com determinada frequência. (b) O segundo nível é o *mesotempo* que retrata uma periodicidade dos eventos entre grandes intervalos de tempo que pode

compreender dias, semanas ou meses, como por exemplo, tratamentos que a criança PAEE precisa passar que a impede de frequentar a escola por um período determinado.

(c) O terceiro é o *macrotempo* que se refere as mudanças nos eventos e expectativas da sociedade, como por exemplo, mudanças na legislação no que diz respeito a escolarização da criança PAEE (POLÔNIA; DESSEN; SILVA, 2005) ou as mudanças na legislação quanto ao início do processo de escolarização, que passou a enfatizar a educação infantil não só como uma etapa para cuidados, mas também como promotora do desenvolvimento infantil.

Inclusão na educação infantil

A história da educação Infantil no Brasil tem em seu marco um caráter assistencialista, ou seja, cuidar ao invés de educar, sendo responsáveis por ela entidades filantrópicas (laicas) e religiosas, que ao longo do tempo passaram a receber ajuda financeira governamental, passando segundo Oliveira (2002), para um caráter assistencial-protetoral. A autora ainda ressalta que apesar das mudanças, a preocupação continuava sendo com a alimentação, higiene e segurança, e que o trabalho voltado à educação, ao desenvolvimento intelectual e afetivo dessas crianças era pouco valorizado.

No início dos anos de 1960 houve uma importante mudança no que se diz respeito à educação dos pré-escolares com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4024/61), que dispunha no artigo 23 que a Educação primária era destinada as crianças de até sete anos em escolas maternais e creches. Também nos anos de 1970, a educação infantil começa a se municipalizar, mas somente em 1988 com a Constituição Federal que a educação em creches e pré-escolas é reconhecida como direito da criança e dever do Estado, tornando-se assim parte do Sistema de Ensino (BRASIL, 1988).

Com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, surgiram vários debates, até promulgar à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Lei 9394/96. Uma grande conquista para a Educação Brasileira como um todo, mas, para a Educação infantil foi primordial, pois a estabelece como etapa inicial da educação básica (art. 21) e ainda tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade (art. 29)

(BRASIL, 1996). Atualmente, prevê-se a educação infantil para crianças até cinco anos de idade, assim como a obrigatoriedade das crianças com mais de quatro anos de idade, a partir de 2016, serem matriculadas nas unidades pré-escolares (BRASIL, 2013).

Assim como a educação infantil vem sendo estabelecida e se tornando política pública, o debate da educação inclusiva perpassa por todo o sistema educacional. (SEKKEL; CASCO, 2008). Os primeiros anos de vida da criança são fundamentais no desenvolvimento de diversas áreas tais como as da cognição, linguagem, socialização, física e de autocuidados, em relação a criança PAEE não seria diferente (BRASIL, 2006).

Segundo Mendes (2010), no caso específico das crianças que já nascem, ou desde a tenra infância apresentam necessidades especiais, é reconhecida a importância do processo educacional ainda na primeira infância. Processo esse chamado de Intervenção Precoce. O que faz com que cada vez mais esse público esteja dentro da escola, portanto incluído no sistema educacional.

O termo “inclusão” é um gerador de diversas interpretações e compreensões errôneas, permitindo que as pessoas acreditem que ele cabe somente aos alunos PAEE, contudo a inclusão também é base para todos os outros alunos que estão sempre à margem do sistema escolar. Mendes (2010) define a inclusão como a participação plena de criança PAEE em programas e atividades para crianças com desenvolvimento típico.

Para que as crianças PAEE participem plenamente do processo de inclusão na Educação Infantil, é necessário que essa escola tenha uma educação inclusiva que garanta a entrada, a permanência e o sucesso desse aluno. Segundo Marinho (2007, p. 9), a educação inclusiva é,

[...] o caminhar para uma escola aberta à diferença, onde todos possam fazer seu percurso de aprendizagem independentemente das desvantagens de natureza biológica, sociocultural, psicológica e educacional que possa apresentar (MARINHO, 2007, p. 9).

É importante os pais do aluno PAEE saberem que seus filhos têm os mesmos direitos educacionais que qualquer outra criança, e que é previsto por lei ela prioritariamente estar matriculada em sala comum e receber o Atendimento Educacional Especializado, que segundo as Diretrizes da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o acesso:

[...] a educação tem início na educação infantil, na qual se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e desenvolvimento global do aluno. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança. Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de estimulação precoce, que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social. Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino. Deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado que realize esse serviço educacional (BRASIL, 2008, p.10).

A entrada no espaço escolar possibilita a criança PAEE a abertura de novos caminhos para seu desenvolvimento e com essa inclusão educacional, a importância da participação e da integração da família é fundamental (GUALDA, 2013). Além da matrícula na educação infantil, as crianças necessitam de um apoio especial da família. Pois, nessa fase escolar família precisa estar próxima para transmitir informações sobre a criança, auxiliando no processo de inclusão. Segundo Buscaglia (1997, p. 78) a família desempenha:

[...] importante papel na determinação do comportamento humano, na formação de personalidade, no curso da moral, na evolução mental e social, no estabelecimento da cultura e das instituições. Como influente força social não pode ser ignorada (BUSCAGLIA, 1997, p. 78).

Segundo Craidy (2007), a creche e a pré-escola tem uma função de complementação e não de substituição da família, sendo assim, as escolas deverão se integrar com a família e a comunidade, para que juntas possam oferecer o que a criança necessitar.

Famílias de crianças público alvo da educação especial

As estruturas e os conceitos de família vêm mudando ao longo do tempo, o primeiro ou um dos primeiros modelos ou estruturas que se pode exemplificar historicamente é o da estrutura familiar patriarcal, que se tem notícia na Roma Antiga, que não provinha de laços consanguíneos. Avançando um pouco mais na história nos tempos medievais, as pessoas por meio de vínculos matrimoniais começaram a formar grupos (famílias). Por fim, em nossa cultura, a ocidental, já se trata família como um

grupo com o mesmo laço consanguíneo e unido legalmente (PINHEIRO; BIASOLI-ALVES, 2008).

Tais autoras afirmam que essa família trata-se da “família nuclear”, uma configuração em que homens e mulheres têm papéis definidos e que são unidos pela consanguinidade. Apesar de ainda ser a constituição familiar mais presente nos tempos atuais, nota-se que as configurações de família veem mudando ao longo do tempo, conforme uma mudança também do homem e da sociedade.

Hoje conceituar família se tornou difícil, pois, corre-se o risco de excluir algum tipo de união ou vínculo, até porque se vive em um país com uma grande diversidade cultural. Segundo Defendi et al. (2008, p. 09), a família é um dos grupos sociais que mais vêm sofrendo mudanças, tanto na sua formação, quanto em sua dinâmica e estrutura. Alguns fatores contribuem para essa mudança, sendo eles: Maior flexibilização dos papéis familiares, das expectativas em relação ao casamento; Sexualidade desvinculada da reprodução; Mudanças do papel da mulher na sociedade, antes mais restritiva a vida doméstica; Mudanças nos valores sociais sobre a importância da família; a diminuição da taxa de natalidade; Legitimação do divórcio, criando possibilidades de busca de satisfação em novos arranjos conjugais.

Ainda segundo Defendi et al. (2008), a família independente de seu arranjo é uma fonte de proteção e cuidado psicossocial, é uma unidade de transmissão de cultura por intermédio das gerações, e ela necessita ser compreendida como um grupo que possui regras, mitos, padrões, estilo de comunicação, vínculos e laços afetivos intensos, papéis e hierarquia.

Os pais, a sociedade e o Estado têm que respeitar e garantir os direitos das crianças assim como esta em nossa constituição no artigo 27 que dispõe:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão (BRASIL, 1988, p.37).

O nascimento de um bebê é um momento de transformação e segundo Brito e Dessen (1999), em se tratando do nascimento de uma criança com deficiência, o momento é de grande impacto. A família que descobre que seu filho tem uma deficiência passa por um turbilhão de sentimentos por estarem diante dessa situação,

tais como medo, culpa, raiva, vergonha, dúvida quanto à escolaridade (PANIAGUA, 2004).

Apesar da vivência desses sentimentos, segundo Dessen e Lewis (2000) a família exerce um papel fundamental, na medida em que propicia o crescimento e o desenvolvimento das crianças PAEE, por meio de um ambiente estimulador e de interações e relações saudáveis. Porque muitas vezes a falta de atendimento ou conhecimento faz com que essa criança não venha a ter uma intervenção precoce durante os primeiros anos de vida, então a família acaba sendo e exercendo os papéis que caberiam à ajuda profissional.

Dessen e Lewis (1998) afirmam que essa gama de interações e relações que se desenvolvem no microuniverso da família mostra que o desenvolvimento do indivíduo não pode ser isolado do desenvolvimento familiar.

A família também é a principal responsável por decidir sobre a escolarização e os serviços de apoio que os filhos PAEE terão. No momento que a família começa a pensar na escolaridade da criança PAEE, inicia-se uma nova fase. De fato, segundo Defende et al. (2008), um momento de extrema importância para a família é quando a criança PAEE começa a frequentar a escola, pois é muito comum os pais se sentirem ansiosos, inseguros e preocupados nesse momento.

Qual a escolha é a certa colocar o filho na escola comum ou em uma escola especial? Como ele será tratado? Será que ele vai aprender? E como será a relação dessa escola com a minha família? Essas são questões que cercam o momento da escolarização da criança PAEE. Acredita-se que os pais possivelmente podem se deparar com questões como essas no momento de decidir a escolarização desse filho, dessa forma, os pais precisam sentir confiança no ambiente escolar escolhido para deixar seu filho, e é na relação da família com a escola que essa segurança pode iniciar e consolidar.

Relação família e escola

A relação e a colaboração entre família e escola vêm se destacando, como uma das metas para a educação do novo milênio. No relatório elaborado para a UNESCO, relata-se que estudos recentes têm sido desenvolvidos, mostrando as vantagens dessa parceria para a escola e para os alunos (MAIMONI; BERTONE, 2001).

Tanto a casa quanto a sala de aula eram espaços privados, que hoje se tornaram espaços abertos, onde pais e educadores realizam trocas. Assim, a família está cada vez mais presente nos espaços escolares e a escola, por sua vez, vem expandindo, o terreno das interações com as famílias (NOGUEIRA, 1998).

A família e a escola são duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos dos indivíduos, podendo atuar como um propulsor ou inibidor do crescimento físico, intelectual e social, ou seja, cada uma dessas instituições tem seu papel e sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo. Enquanto a escola estimula e desenvolve uma perspectiva mais universal e ampliada do conhecimento científico, a família transmite valores e crenças e, como consequência, os processos de aprendizagem e desenvolvimento se estabelecem de uma maneira coordenada (POLÔNIA; DESSEN, 2005).

Segundo Nunes e Vilarinho (2001), as escolas diante das novas configurações de família, devem partir em busca de alternativas que possam acompanhar essas mudanças que se sucedem cada vez mais rápidas. Para isso, a escola deve ter disposição, ousadia criando novos meios de fazer com que a família venha a ter uma relação com a escola.

Caetano (2009) infere a relação família e escola como um tema de complexidade e que é permeada de conflitos, dificuldades, pouca reciprocidade, sendo que essa relação é também fruto de um processo histórico, político, social e econômico. Pois, as transformações ocorridas em nossa sociedade estão diretamente ligadas nas mudanças que tiveram a escola e a família.

Embora possa parecer que esse encontro entre família e escola seja constante, Caetano (2009) diz que:

[...] a literatura a respeito do tema afirma que tais momentos são permeados de dificuldades, fato admitido pelos próprios professores que se queixam comumente do despreparo, da ausência e, principalmente, do desinteresse dos pais pela vida escolar dos filhos. Os pais por outro lado, costumam afirmar que os horários em que tais encontros são propostos são inadequados e tantas vezes inacessíveis (CAETANO, p. 35).

A relação cotidiana entre família e escola, mais precisamente com o professor, torna-se fundamental nos quatro primeiros anos e recomenda-se que se sigam até os seis anos, para que a criança saiba que os adultos de referência para ela se relacionam, para que se potencialize o conhecimento que a família tem da escola e para que os

profissionais possam entender a conduta infantil, obtendo informações através dessa relação (PANIAGUA; PALACIOS, 2007).

Uma boa relação entre a família e a escola maximiza o aprendizado, o desenvolvimento, principalmente quando se fala nas crianças PAEE, em que essa relação se torna fundamental. Uma vez que a família dessas crianças precisam apresentar as debilidades e fortalezas de seus filhos para que eles possam ser melhores compreendidos no que diz respeito às necessidades da sua deficiência (POLÔNIA; DESSEN, 2005).

A importância da família no processo ensino-aprendizagem desenvolvida pela escola é notória. Crianças que percebem uma afinidade entre suas famílias e a escola tendem a se sentir seguras e naturalmente apresentam um melhor desempenho na escola, inclusive nas atividades acadêmicas (NUNES; VILARINHO, 2001).

Em sua revisão literária, Polônia e Dessen (2005) apontam que as pesquisas têm demonstrado os benefícios da integração família e escola, em especial, quando o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola abre espaço para a participação familiar e reconhece que essas instituições possuem diferentes papéis no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. E isso pode acontecer se o PPP é flexível quanto a suas ações no processo de aprendizagem.

Epistein (1986) traz alguns tipos de envolvimento que podem acontecer na interação da relação família e escola: (a) o primeiro tipo são as obrigações essenciais dos pais, que se referem às ações e atitudes da família perante a escola; (b) o segundo tipo são as obrigações essenciais da escola, que se referem às diferentes formas e estratégias que a escola tem, tanto do seu modo de ensinar quanto ao seu aluno; (c) o terceiro tipo se refere ao envolvimento dos pais em atividades de colaboração na escola, ou seja, como esses pais podem trabalhar em conjunto com a equipe da escola; (d) o quarto tipo diz respeito ao envolvimento dos pais nas atividades que afetam a aprendizagem, e o aproveitamento escolar em casa, que se refere aos mecanismos que a família utiliza para acompanhar as tarefas de seus filhos e, finalmente; (e) o quinto tipo se refere ao envolvimento dos pais no Projeto Político Pedagógico da escola, mais precisamente quanto a participação efetiva dos pais em tomadas de decisão em tudo que diz respeito à escola, e com isso no que diz respeito ao seu filho.

Paniagua e Palácios (2007) apresentam três formas de relação entre a família e os profissionais da escola, em que cada modelo se caracteriza por determinada

ideologia, distribuição de saber e poder e por estilo de relação: (a) modelo do especialista, que é o modelo mais tradicional, em que o profissional detém o conhecimento sobre a criança e toma as decisões; (b) o modelo do transplante, que já apresenta um avanço na relação anterior, em que se tenta compartilhar o saber profissional com os pais. Neste modelo, pretende-se que os pais também atuem como profissionais e (c) o modelo do usuário em que se parte de que todos são portadores de conhecimento, os profissionais por sua formação e experiência e os pais como especialistas em seus filhos, ou seja, uma relação em nível de igualdade.

Os pais devem ser ativos e participantes da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e a escola deve fornecer oportunidades para que os pais possam envolver-se em questões da escola, mas, de acordo com sua disponibilidade, formas de oportunidades essas, que sejam compatíveis com a realidade dos pais, professores, alunos e direção. Em todos os tipos de envolvimento entre família e escola, tem-se que dar maior importância a qualidade dessa relação do que na quantidade (POLÔNIA; DESSEN, 2005).

Segundo Capelline e Fonseca (2011), o papel que a escola possui na construção da parceria família/escola é essencial e deve considerar a necessidade da família, permitindo que essas se sintam participantes ativos e não meros expectadores, juntas precisam procurar entender qual o papel que cada uma tem nessa relação. Assim, a interação família e escola é necessária para que cada uma conheça sua realidade, limitação, e que busquem caminhos que facilitem o entrosamento para que ocorra o sucesso de seu filho/aluno.

Embora ainda haja um consenso na literatura sobre a importância da parceria família e escola na área da Educação Especial, evidências apontam que ainda há problemas na efetivação desta relação, o que por ventura justifica o crescimento de estudos que se embasam na ideia do trabalho colaborativo que implica em uma parceria entre profissionais da escola e equipes que incluam as famílias (SILVA; MENDES, 2008).

Em seu estudo sobre os comportamentos dos profissionais da escola e as famílias de crianças PAEE, Silva e Mendes (2008) apontam que os participantes (professores e pais) levantaram categorias referentes aos comportamentos que devem ser emitidos na relação família e escola, tais como: respeito mútuo, comunicação, confiança, participação, amabilidade, sinceridade e imparcialidade.

Polônia e Senna (2005) destacam que a colaboração entre família e escola é um dos elementos centrais do sucesso escolar dos alunos, e que a família em parceria com a escola é o primeiro contexto da numeralização, leitura e escrita da criança. De fato, a descontinuidade entre esses dois sistemas atinge a produção escolar, a integração dos alunos, os elementos inerentes do bom andamento da sala de aula, os professores e educadores e até mesmo a própria família. Além disso, a percepção negativa dos professores e de outros agentes da escola desqualifica a família como agente educacional, como se os pais não pudessem contribuir de alguma forma nesse processo, pois as representações sociais dos professores sobre seus educandos e suas famílias e das famílias sobre a educação e seus agentes influenciam diretamente nas práticas e políticas educativas.

Ainda segundo Polônia e Senna (2005), o envolvimento entre família e escola não só contribui com todo o processo educacional, como também para a melhoria dos ambientes familiares, e esse movimento pode variar quanto a sua intensidade, nível e tipo, isso pode variar de acordo com a cultura da escola e a cultura da família. Mas, este envolvimento família e escola sofre indiretamente efeitos de outros ambientes externos como as políticas educacionais ou até mesmo questões ligadas a problemas particulares da família como separação, emprego, etc.

A relação família e escola se constrói e se conserva por meio de situações vinculadas a problemas, e desta forma parece pouco contribuir para que essas duas instituições possam construir uma parceria baseada em fatores positivos e gratificantes e que se relacionem ao aprendizado, desenvolvimento e sucesso do aluno (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010)

Ribeiro e Andrade (2006) enfatizam que a fórmula família e escola da maneira como tem se visto em nossa realidade, faz com que se perpetue a dinâmica de exclusão de partes, de camadas da escola, ainda que ocorra de maneira sutil, e que ao mesmo tempo, a harmonia na relação família e escola é negada e utilizada na manutenção das relações. Ao negar essa harmonia, a escola assume seu local de poder, estabelecendo uma aliança com os pais que não se torna eficaz.

Segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2010), as posturas em relação à família e a escola caracterizam-se por serem defensivas e acusativas como se cada uma dessas instituições buscasse se justificar e encontrar razões para a desarmonia que é uma das características dessa relação e é diante disso que as autoras colocam que modificar a

relação família-escola é um desafio, e tem-se que modificá-la no sentido de que ela possa estar associada a eventos positivos e agradáveis e que de modo eficiente contribua com os processos de socialização, aprendizagem e desenvolvimento.

A escola deve procurar compreender as debilidades e fortalezas desses alunos para estabelecer quais habilidades essa criança precisa adquirir, e assim fazer com que ela se desenvolva e retornar isso aos pais. Mas, quando esse diálogo, essa parceria não acontece, a mais prejudicada é a criança. Os pais, não mantendo essa conversa com a escola deixam de participar do processo de aprendizagem de seus filhos e a escola não conhecendo melhor o seu aluno, não proporciona educação inclusiva e não garante sua permanência e seu sucesso na escola. Considera-se que essa relação se torna um dos elementos centrais do sucesso escolar, e de grande importância para a inclusão escolar do aluno PAEE.

Sendo assim, este estudo teve por objetivo o de analisar a opinião de professores sobre família, importância da família para o desenvolvimento da criança, família de crianças público alvo da educação especial, relação família e escola e estratégias para promover a relação família escola.

Método

Participantes

Participaram do estudo 21 professoras, que lecionavam em pré-escolas da rede municipal de ensino. A maioria das professoras (95,2%) tinha curso superior e 61,9% tinham pelo menos um curso de especialização. De todas professoras, 71,4% já lecionaram ou lecionam para crianças PAEE (deficiência física, deficiência intelectual/síndrome de Down, surdez, deficiência múltipla, autismo e altas habilidades/superdotação), na idade pré-escolar.

Para a escolha dos participantes foram utilizados dois critérios: serem professores da educação infantil (de zero a seis anos), que lecionam ou já lecionaram para crianças PAEE.

Aspectos Éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Carlos (CAAE: 02893012.2.0000.5504). Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice 1), juntamente com informações

sobre os objetivos da pesquisa cientificando que para isso seriam utilizadas as informações obtidas dos encontros realizados do curso de formação “Relação Família Escola no Contexto da Inclusão”. Também lhes foram assegurados o sigilo de suas identidades e sua total autonomia quanto à participação do projeto de pesquisa.

Local de coleta de dados

A coleta de dados da pesquisa ocorreu na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Laboratório de Ensino do curso de Licenciatura em Educação Especial.

Instrumentos

Questionário de identificação: Trata-se de um questionário que aborda os dados de identificação, a formação do professor, assim como se lecionou ou leciona para crianças PAEE (Apêndice 2).

Roteiro de entrevista do grupo focal: O roteiro de entrevista (Apêndice 3) foi composto por 16 questões que foram divididas em cinco eixos temáticos: (1) Família; (2) Importância da família para o desenvolvimento da criança; (3) Família de crianças público alvo da educação especial; (4) Relação família e escola e (5) Estratégias para promover a relação família e escola. Dois juízes e a orientadora do estudo analisaram e fizeram sugestões ao roteiro inicialmente elaborado.

Técnica de coleta de dados

A coleta de dados se deu por meio da técnica de pesquisa de grupo focal que se caracteriza por ter constituição e desenvolvimento em função do problema de pesquisa, ou seja, a problemática exposta mais teorização (GATTI, 2012). É importante o grupo ser composto por pessoas que tenham alguma vivência com o tema que será proposta a discussão, para que sua participação traga elementos fundamentados a sua experiência do dia a dia, ou seja, experiência pessoal.

Gatti (2012) completa que, o uso do questionário permite trazer respostas mais completas e que o trabalho com o grupo focal permite que se compreenda o processo de construção da realidade, ajuda a termos perspectivas diferentes sobre a mesma questão e a compreensão de ideias compartilhadas. Quanto à composição, a mesma deve ser homogênea em relação a vivência com o tema que se pretende refletir, ou seja, os participantes devem ter algumas características em comum.

No presente estudo, discuti sobre a relação família escola no contexto da inclusão e, dessa forma, os participantes tinham em comum: ter ou estarem lecionando para crianças PAEE e serem professores pré-escolares.

Os grupos foram compostos por um moderador e por um relator. O moderador teve como papel: controlar o tempo; apresentar os objetivos dos encontros, escolher os participantes, formas de registros; explicar o papel de cada um, introduzir o assunto; propor questões; tomar cuidados para que os participantes não fugissem do tema e ter cuidado para que todos tenham a oportunidade de falar. Gatti (2012) ressalta ainda que o moderador não deve emitir comentários de nenhuma natureza, fazendo somente intervenções que facilitem as discussões. O papel do relator é anotar em um diário de campo, as principais informações do que se passa e se fala nas discussões. O mesmo não pode interferir no grupo e suas anotações são importantes à medida que destacam as falas significativas e outras situações que possam vir a ocorrer durante o encontro.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados da presente pesquisa foi realizada no decorrer de um curso de formação para professores. Inicialmente, o curso de formação “Relação família e escola no contexto da inclusão” foi apresentado na secretaria de educação do município e após a autorização, a orientadora dessa pesquisa entrou em contato com os diretores das pré-escolas, a fim de convidar os professores a participar do curso de formação. Com o grupo formado, a pesquisadora entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os professores e explicou os objetivos da pesquisa.

Os encontros do grupo focal ocorreram durante o curso de formação “Relação família e escola no contexto da inclusão” que teve uma carga horária de 60 horas divididas entre encontros presenciais, leituras de textos e trabalho final. Dos seus oito encontros quinzenais com duração de duas horas e meia foi cedida, cinco foram cedidos para a coleta de dados da presente pesquisa. Essa coleta também serviu de base para que a professora ministrante no próximo encontro apresentasse a teoria.

Durante os encontros, as 21 professoras eram divididas em três grupos, sendo que cada grupo tinha presente um moderador e um relator. As discussões das questões tiveram duração aproximada de 45 minutos por encontro. Todas as discussões eram gravadas e o relator fazia anotações em um diário de campo. A pesquisadora, a professora ministrante e uma aluna do último ano de graduação em Licenciatura em

educação Especial eram as moderadoras e mais três alunas também do mesmo curso eram relatoras. Abaixo seguem as questões de cada encontro do curso de formação, que teve o grupo focal.

Quadro 1. Encontros do grupo focal, sua temática e questões problematizadoras

Encontro:	Temática:	Questões:
1	Conceituação de família.	1-Qual é a concepção de família? 2-Quais são as possíveis constituições de família? 3-Quais são as informações importantes que o professor saiba sobre a família?
2	Importância da família para o desenvolvimento infantil.	1-Qual a importância da família para o desenvolvimento infantil? 2-Quais são os comportamentos da família que contribuem com o desenvolvimento dos filhos? 3-O que os pais podem fazer para auxiliar os filhos na escola?
3	Famílias de crianças público alvo da educação especial.	1-Quais são as características das famílias de crianças público alvo da educação especial? 2-Quais são os recursos e as necessidades das famílias de crianças público alvo da educação especial? 3-Quais são os comportamentos dos pais que auxiliam na inclusão da criança pré-escolar?
4	Relação família e escola.	1-O que é relação família e escola? 2-Qual é a importância da relação família e escola de crianças incluídas? 3-tem alguma política ou ação na escola que auxiliam na relação família e escola? 4-Como os professores podem auxiliar os pais no desenvolvimento de seu filho? 5-Como os pais podem auxiliar os professores na inclusão do filho?
5	Estratégias para estreitar a relação família e escola.	1-Quais as estratégias na escola que são realizadas para fomentar a relação família e escola? 2-Quais as atitudes que a escola poderia ter para aproximar os pais das atividades escolares do filho, em casa e na escola?

Como pode ser observado no quadro acima, cada encontro do grupo focal tinha sua temática e questões referentes a esta para que pudéssemos assim discutir os temas que de alguma forma fazem parte da vivência dos professores, fazendo com que as falas dos mesmos trouxessem informações baseadas em suas próprias experiências deixando assim a pesquisa o mais perto da realidade pesquisada.

Procedimentos de análise de dados

Após as transcrições dos dados, foram criados cinco eixos temáticos: (1) Família; (2) Importância da família para o desenvolvimento da criança; (3) Família de crianças público alvo da educação especial; (4) Relação família e escola e (5)

Estratégias para promover a relação família e escola. Depois dentro desses eixos foram criadas categorias que tiveram como objetivo selecionar falas significativas das professoras, por meio de recortes do montante de discurso (Apêndice 4). Em um segundo momento, cada categoria e suas falas significativas foram analisadas e discutidas com pressupostos da análise de conteúdo. Não foram levadas em consideração o sujeito que realizou a fala e sim o conjunto de falas pronunciados pelo grupo de professoras. Principalmente por se tratar de um grupo focal, os discursos foram analisados como um todo, tendo como concepção que em um processo formativo, as falas não são expostas individualmente, e sim instigadas pelo discurso do formador ou de outro professor.

A análise do conteúdo é um procedimento de pesquisa que está situada em linhas gerais na teoria da comunicação, que tem como ponto de partida a “mensagem”. O procedimento se divide em duas unidades de análise: as unidades de registro (falas significativas) e as unidades de contextualização: que seria o pano de fundo que imprime um significado às unidades de análise (FRANCO, 2008). Segundo Franco (2008), a análise do conteúdo é a mensagem que pode ser dada de várias formas, em nosso caso ela foi Verbal (oral e escrita), que se expressa um significado e um sentido e que se torna necessário que se considere sua relação com as articulações às condições contextuais.

Franco (2008) completa que a análise do conteúdo requer que descobertas tenham relevâncias teóricas, pois informações puramente descritivas não relacionadas a outras condições ou as características do emissor são de pequeno valor. O dado sobre o conteúdo da mensagem (fala significativa) e sobre o conteúdo da pesquisa deve estar necessariamente ligado por outro dado e essa ligação deve ser representado por alguma forma de teoria.

Resultados e Discussão

Os resultados abaixo irão responder ao objetivo do estudo, ou seja, analisar a opinião de professoras sobre relação família e escola de crianças público alvo da educação especial, sob a perspectiva da Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner por meio das falas das professoras. Os dados serão apresentados e discutidos, considerando os cinco eixos temáticos: (1) Família; (2) Importância da família para o desenvolvimento da criança; (3) Família de crianças público alvo da educação especial;

(4) Relação família e escola e (5) Estratégias para promover a relação família e escola. Percorreremos agora os eixos temáticos e suas discussões começando pelo eixo um que fala sobre família, suas possíveis concepções e constituições e as informações que são importantes que os professores saibam sobre essa família.

Eixo temático 1: Família

Quadro 2. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Qual a concepção de família?
1- Família Tradicional
2-Família como cuidadora
3-Família como transmissora
4-Família com laços sanguíneos
5-Família afetiva (que possuem ou não laços sanguíneos)
6- Famílias em mudança (conceito)

As concepções de algumas professoras sobre família foram as de família tradicional, como cuidadora, como transmissora, formadas por laços sanguíneos, afetiva e em mudança. Tais aspetos mostram que as professoras apontaram uma diversidade de concepção de família, o que indica que eles não têm uma concepção única de modelo ideal.

“Minha família sou eu, meu marido e meus filhos. Nela faz parte minha mãe, pai, sogros e avós”.

“Indivíduos diferentes que se unem para formar uma família, pai, mãe e filhos”.

“Eu acho que família deveria começar dentro de casa certinho, com pai, mãe e filhos vivendo em um lar bonitinho”.

Por exemplo, as professoras apontaram a família cuidadora. De fato, muitas crianças são cuidadas por membros da família extensa, por diversos fatores, como por exemplo, os pais trabalharem, dificuldade financeira, morte de um dos genitores, entre outros. Segundo dados da literatura, a criança precisa ter um cuidador principal, que garanta a sua sobrevivência e que seja responsivo as suas necessidades (BEE; BOYD, 2001).

“Família na verdade é quem cuida”.

“Eu vejo assim, como um grupo de convívio que você pode estreitar laços e que realmente é o que realmente você falou, é quem cuida, que tem ou não laços afetivos, que é solidária”.

“São pessoas responsáveis pela vida do menor”.

Tecendo um paralelo a perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner (2011), é importante que a criança tenha um adulto que dê sustentação ao seu desenvolvimento, arranjando ambientes com estimulação cada vez mais complexa, que permite a criação dos processos proximais.

Segundo Diniz e Koller (2010), os processos proximais são caracterizados por estabelecer uma interação recíproca que vai se tornando cada vez mais complexa entre o indivíduo e as pessoas/objetos do seu ambiente imediato nas quais ambas as partes se mantém ativas e se estimulam mutuamente, ou seja, ocorre uma troca. Mas, para que esses processos proximais sejam considerados eficientes têm que ocorrer em uma base regular e em vários períodos de tempo e ter sentido e significado para a pessoa em desenvolvimento, reforçando assim a importância da presença de uma figura estável que estimule essa relação ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, 1996).

Muitas famílias necessitam de suporte social para poderem criar seus filhos ou mesmo para poderem trabalhar e garantir as necessidades familiares. Quanto maior o suporte social, menor o estresse enfrentado pelos pais e, conseqüentemente, melhor as práticas parentais.

Algumas falas das professoras ilustram mais duas categorias que são a família de laços sanguíneos na qual o(s) filho(s) descende do mesmo pai e da mesma mãe ou são criados por responsáveis com parentesco sanguíneo como avós, tios ou irmãos.

“Um grupo de pessoas, ligados por laços sanguíneos e de afeição”.

“Pessoas que são ligadas por laços sanguíneos”.

“São os pais ou parentes biológicos, que cuida da criança”.

Além disso, tem-se a família afetiva que podem ou não estar ligadas com laços sanguíneos, como por exemplo, pais de filho(s) adotivo(s), ou ainda com outras configurações como mãe e padrasto, pai e madrasta. Segundo ainda a opinião das professoras entender e saber dessas dinâmicas familiares são muito importantes para entender o desenvolvimento das crianças.

“Pessoas que não só são ligadas por laços sanguíneos, pode ser também por laços afetivos”.

“Um grupo de pessoas ligadas por laços afetivos, também não é só biológico, tem filhos adotados que não são de laços sanguíneos e tem o afeto que faz uma família”.

“Eu acho que é o que ela falou é quem cuida da criança e estreita os laços afetivos”.

Outra categoria que ilustra a fala das professoras é a família como transmissora de valores e cultura, em sua essência um sistema de significados e de costumes. Esses costumes estão relacionados valores, atitudes, objetivos, leis e crenças, que normalmente são transmitidos de uma geração para outra, considerando o nível macrossistêmico (BRONFENBRENNER, 2011).

“Conjunto de pessoas que transmitem valores e exemplos”.

“Família é quem transmite valores sólidos e íntegros”.

“Ela (criança) reflete o que é transmitido dentro de casa, violência, carinho, medos a criança é uma antena que reflete tudo”.

Essa diversidade de concepções vem a demonstrar que a sociedade já atravessa uma nova fase, todos hoje, já se acostumaram às novas formas de família que foram se distanciando muito do modelo formado pela família organizada no sistema patriarcal. A família contemporânea se pluralizou não se restringindo mais, as famílias nucleares (DIAS, 2007).

“Para mim, não existe, mais esse conceito de família nuclear pai, mãe e filhos. Eu acho que hoje em dia tem que repensar no conceito família, porque 80% das famílias das crianças, pelo menos da rede Municipal a gente tem visto que não existe mais. Eu acredito que o conceito de família hoje tem que repensar”.

“Pessoas dentro de um relacionamento em casa, hoje está mais difícil dizer pai, mãe e filhos, então o conceito de família hoje está mudando”.

“É difícil falar atualmente do conceito, é mãe que “vira” pai, avós que são os pais,

Quadro 3. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais são as possíveis constituições familiares?
1-Família Tradicional
2-Família Homoparental
3-Família Monoparental
4-Família Anaparental
5-Família Pluriparental

Quando perguntado as professoras sobre as possíveis constituições de família que eles conheciam, as mesmas não ficaram somente com a resposta de família tradicional ou nuclear que é constituída por pai, mãe e seu filho(s):

“Pai, mãe e filhos e agora como modernizou as crianças ficam jogadas”.

“[...] hoje não tem mais certo, o que seria correto pai, mãe e filhos”.

“Inicialmente é pai, mãe e filhos”.

Elas não só apontaram outras constituições como relataram o que estavam vivenciando. Como a família homoparental, uma realidade que começa a ser reconhecida no contexto brasileiro, trata-se de uma família que se constitui com dois parceiros do mesmo sexo que fazem o papel de pais ou mães de seu filho(s), podendo esse ser legítimo e/ou adotivo.

“Eu acho que falta para gente é saber lidar com essa situação, eu nunca tive que explicar para um aluno porque o pai e a mãe são dois homens. O mais difícil deve ser entre as crianças, a aceitação entre elas, mas nunca tive então não sei como lidar”.

“Tive um caso de um aluno que o tio era homossexual e cuidava dele, ele respeitava o cara, o homem ia lá buscá-lo vestido de mulher e o menino o chamava de tio e não de tia. Ele sabia tudo dessa relação e o respeitava, a criança aprende a respeitar”.

“[...] dois pais ou duas mães”.

França (2009) afirma que os papéis maternos e paternos, de fato são importantes para um bom desenvolvimento psicossocial da criança, mas não estão mais diretamente associados à figura da mulher ou do homem, nem mesmo nos casais heterossexuais atuais. Desempenha melhor a função materna e a paterna o progenitor que mais se identifica com as tarefas associadas a estes papéis, seja homem ou mulher.

Outra constituição dita pelas professoras foi a de família monoparental, que se constitui por um só genitor, pai ou mãe e seu(s) filho(s).

“A mãe, muitas vezes, é mãe e pai ao mesmo tempo e tem que se virar”.

“Hoje tem pai sozinho com filhos, [...]”.

“Hoje é moda na adolescência, a modo é não usar camisinha então nasce às crianças e essa meninas geralmente ficam mães solteiras”.

Diniz (2002) expõe que a família monoparental ou unilinear desliga-se da ideia de um casal relacionado com seus filhos, pois estes vivem apenas com um dos seus genitores, por várias razões, como viuvez, separação judicial, divórcio, adoção unilateral, não reconhecimento de sua filiação pelo outro genitor, produção independente, etc. Já, Leite (2003) entende que uma família é monoparental quando a pessoa, o homem ou a mulher, encontra-se sem cônjuge ou companheiro, e vive com seu(s) filho(s). Segundo relato das professoras, esse tipo de constituição de família tem aumentado, principalmente quando se trata de mães jovens.

A próxima categoria sobre constituição de família que se pode observar é a de família anaparental, que se constitui por: tios e a criança, avós e a criança, padrinhos e a criança, cuidador e a criança, irmãos mais velhos e a criança.

“[...] hoje em dia tem avô, tem avó, tios, madrinha que cuida das crianças”.

“Pode ser qualquer membro, avó, tios como vocês falaram agora, qualquer pessoa que cuide que tenha responsabilidade”.

“Onde eu trabalho ocorre isto, não tem pai e nem mãe é o tio que cuida, porque os pais abandonaram, e outro que são os avós que cuidam porque a mãe morreu no parto [...]”.

A família anaparental se caracteriza pela família que não tem a presença dos pais, se constituindo pela convivência de pessoas ou parentes em um mesmo lar (BARROS, 2003). Para Vianna (2011), a família anaparental é aquela constituída basicamente pela convivência entre parentes dentro de uma mesma estrutura organizacional e psicológica, visando a objetivos comuns, que residem no mesmo lar, pela afetividade que os une, por necessidades financeiras ou mesmo emocionais.

A próxima categoria que expressa à fala significativa das professoras é a família pluriparental, que pode constituir-se por mãe com seus filhos e padrastos e o filho do casal, pai com seus filhos e madrasta e o filho do casal, mãe com seus filhos e pai com seus filhos e o filho do casal.

“Mãe, filho e padrasto ou pai filho e madrasta”.

“Começou a aula e um aluno me disse que tinha dois pais, então eu não deixei passar e perguntei: como assim? Ele disse que um é meu pai e o outro é o marido da minha mãe, então eu tenho dois pais”.

“[...] são ligados com laços sanguíneos de pai ou de mãe, às vezes têm várias famílias com meios irmãos”.

Essa família é resultado da pluralidade das relações parentais especialmente provocadas pelo divórcio, separação e novo casamento, seguidos das famílias não matrimoniais e das desuniões (DIAS, 2009). Também pode ser considerada como uma família com multiplicidade de vínculos, pois a especificidade deste modelo familiar decorre da peculiar organização do núcleo, reconstituído por casais onde um ou ambos são egressos de casamento ou união anterior (RÖRHMANN; FERREIRA; BORGES, 2008).

Atualmente há muita diversidade de famílias, no que diz respeito a sua multiplicidade cultural, orientação sexual e composições, tendo em vista esta diversidade de constituições familiares pode-se então considerar que ao nos referirmos as famílias, estamos considerando pelo menos um adulto e uma criança (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2008).

Quando fala-se nas várias constituições de famílias, pode-se referir às mudanças e as expectativas da sociedade, ou seja, composições essas que as professoras salientaram que ao longo desse macrotempo (tempo histórico) vem se modificando (BRONFENBRENNER, 2011), saindo do paradigma de modelo constituição familiar tradicional e se transformando em vários outros modelos, alterando legislações e aceitações da sociedade em que a criança PAEE está inserida.

Quadro 4. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais as informações que são importantes que o professor saiba sobre a família?
1- Informações pessoais: quanto aos pais e/ou responsáveis
2- Informações sobre doença e/ou deficiência
3- Informações pessoais: quanto à criança

Quando perguntado as professoras quais as informações das famílias importantes para o contexto escolar, tem-se:

(a) Informações pessoais quanto aos pais e/ou responsáveis: tais como estado civil, situação legal da criança, situação legal do adulto, trabalho, escolaridade, endereço, telefone e número de filhos;

“Telefone e endereço para o caso de acontecer alguma coisa, você sabe para onde correr. Se a escola, no caso a direção sabe que tem algum problema na família eu acho que o professor deveria saber, as vezes a criança vem taxada e a pessoa acaba tratando diferente”.

“Eu acho importante saber de tudo sim, você sabendo as informações da criança, você vai saber por que ela é assim. Você vê que influência a falta de um pai e de uma mãe. Tem casos que os pais estão presos, o pai mexe com drogas, ela é criada pela avó e isso influencia muito no comportamento dela, saber sim para ter um trabalho com aquela criança, mas não taxar e ter preconceito, sim conhecer”.

“O máximo que a gente puder, porque tudo que você souber dessa criança vai ser melhor para trabalhar com ela. Se a mãe e o pai são casados, divorciados, se eles têm outra família, escolaridade, se os pais trabalham, se possuem mais filhos, se são ligados por laços sanguíneos”.

(b) informações sobre doença e/ou deficiência, tais como se a criança passou ou passa por alguma enfermidade antes de ir para escola: febre, diarreia, vômito, se está tomando algum medicamento, se tem alguma doença respiratória, se pode participar das atividades físicas, se tem deficiência, qual e como proceder com aquela criança;

“Porque eu estou com um aluno e diz a mãe que ele tem epilepsia e ele é muito agressivo, mas é uma criança que falta muito quando ele vai consultar, não é uma criança com uma necessidade especial aparente assim, como um Down, ele é agressivo e tem o problema da epilepsia que a mãe fala”.

“Tem as doenças, que a saúde tem que está inclusa em tudo. Através dessas informações a gente vai saber lidar”.

“Uma doença que já teve algum probleminha, acho que é importante a gente saber para saber lidar”.

(c) Informações pessoais quanto à criança: tais como rotina, situação legal, fatores de risco, número de irmãos e quem são os responsáveis.

“É importante saber o que a criança gosta o que ela não gosta, como ela dorme... toda a parte da vida da criança para ela viver melhor [...] então são informações importantes”.

“Eu tenho criança que tem problema de risco e a gente tem sempre que estar tendo um cuidado especial”.

“Então eu cheguei aos professores, olha o P. tem Down, porém esse ano ele precisa de mais estímulos e ele é tranquilo. Passei a rotina dele para as professoras ficarem tranquilas ao cuidar dele”.

Ao saber o que acontece com a criança e a sua família fora da escola, os professores podem entender possíveis causas para mudanças de seu comportamento, o que poderia favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, esse diálogo com os pais possibilita que os mesmos se sintam pertencentes à escola, podendo assim

se envolver mais na vida escolar de seu(s) filho(s), ajudando, questionando e dando sugestões (SIMAS; FUJISAWA, 2012).

As relações entre dois ou mais microsistemas (ambientes) nos quais a criança PAEE em desenvolvimento participa ativamente (em nosso caso a família e a escola), são chamadas de mesossistema e a diferença entre esses dois níveis de sistemas está na natureza de suas interconexões envolvidas (BRONFENBRENNER, 1996). Ou seja, nos microsistemas (família ou escola), as díades acontecem dentro de seus ambientes (casa ou escola), enquanto no mesossistema (relação família e escola) os processos se dão entre as fronteiras dos ambientes que são as interconexões.

Bronfenbrenner (1996), propõe alguns tipos de interconexões, quando pensa em diálogos de pais e professores, evidencia-se a *comunicações interambiente* que tratam-se de mensagens que são transmitidas de um ambiente para o outro (da família para a escola e vice versa) podendo ocorrer de várias maneiras, diretamente ou indiretamente, interação face a face, por meio de conversas telefônicas, mensagens escritas entre outras. Além disso, essa comunicação pode ser unilateral ou em ambas as direções.

Mesmo os professores elencando várias concepções de família e sua possível constituição, pode-se notar de alguma forma em suas falas que ainda há uma idealização de família de tradicional, aquela composta por pai, mãe e seus filhos. Mesmo que os professores saibam da mudança dessa concepção ao longo do tempo ou mesmo que tenham experiência em lidar com todo o tipo de família, é possível supor isso por fragmentos desse pensamento presente em suas falas. Tal constatação nos vem afirmar que uma concepção não se modifica rapidamente, que todos os conceitos individuais são construídos a partir da história de cada um e que mudanças de concepções precisam ser trabalhadas para ocorrer.

É interessante ressaltar a fala das professoras em relação a família, como sendo aquela que passa a cultura e seus valores sólidos. Mas que valores são esses? Sólidos para quem? O que quiseram dizer com sólidos? Cada família tem suas peculiaridades, portanto seus valores e cultura. Alguns valores para uma determinada família, de uma determinada cultura, presente em uma determinada sociedade, não necessariamente será para outra e vice versa, sendo assim tais valores são particulares e distintos e devem ser respeitados dentro da sociedade a qual a família pertence e a escola é um local onde esses valores e culturas ficam evidentes e os professores, assim como os demais agentes escolares devem criar mecanismos de acolhimento.

Além disso, chama atenção quando as professoras falam sobre a família homoparental. Algumas professoras disseram que é difícil para as outras crianças aceitarem a condição do seu amigo ter dois pais ou duas mães. Mas, porque a aceitação das crianças é que seria difícil de conduzir? Se a escola se fundamenta como um espaço de diversidade essa só não seria mais uma? São as crianças que não aceitam ou isso é fruto de um preconceito maior existente em nossa sociedade ou em nós adultos?

Em seguida, discuti-se o eixo temático dois que discorre sobre a importância da família para o desenvolvimento da criança, tratando de sua importância dos comportamentos dos pais que contribuem para esse desenvolvimento e os comportamentos parentais que auxiliam os filhos na escola na opinião dos professores.

Eixo temático 2: Importância da família para o desenvolvimento da criança

Quadro 5. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Qual a importância da família para o desenvolvimento infantil?
1-Importância para o desenvolvimento infantil.
2- A família como base (educação formal, valores e cultura).
3- A família como influência (nos comportamentos: adequados, problemáticos e nos problemas emocionais).

Como observar-se a seguir, são três categorias que ilustram as falas das professoras, quanto à importância da família para o desenvolvimento da criança. A primeira categoria é que a família é importante para o desenvolvimento infantil:

“É responsável por todo o desenvolvimento, o desenvolvimento da fala, por exemplo, os pais têm que conversar com a criança”.

“[...] agora de início o físico, porque o cognitivo a gente vai conseguir um pouquinho, mais para frente, porque ele só tem um aninho e pouco, então a gente percebendo a parte física, má influência no físico, cognitivo, emocional, influencia tudo”.

“[...] então, a família não é só importante, é a principal e fundamental, é social, físico, psíquico tudo né, a formação de caráter”.

A segunda categoria é a criança ter a família como base na transmissão de valores, cultura e educação para o seu desenvolvimento:

“A família é a base fundamental para a formação de caráter e de futuro”.

“A família é a base independente de ser pai e mãe [...], tanto na educação quanto na alimentação, comportamentos, modos, boas maneiras e valores”.

“Tudo, é base né? Como foi dito agora ela é a base de tudo, é o primeiro contato social que ela tem, vamos dizer assim, ela sai do mundinho dela e vai ter outro com a família”.

E a terceira categoria é a família como modelo de comportamento:

“A criança é o retrato da família, se a família é carinhosa, a criança também vai ser”.

“A parte emocional da família influencia, no emocional da criança e em seu comportamento”.

“Você percebe quando a criança é tratada com amor, ela tem um diferencial, já age com comportamentos diferentes, você percebe algo diferente, ela externaliza o que recebe [...]”.

A família tem o papel de mediadora entre a criança e a sociedade, possibilitando a sua socialização, elemento essencial para o desenvolvimento infantil. No entanto, o cenário familiar é paradoxo, a criança pode tanto receber proteção quanto conviver com fatores de risco, que podem resultar em prejuízos para o seu desenvolvimento. A família é importante na construção de um ambiente doméstico dotado de práticas psicossociais favoráveis ao desenvolvimento infantil (ANDRADE et al. ,2005).

O modelo Bioecológico propõe que o desenvolvimento humano se dá por meio da interação entre quatro núcleos que estão inter-relacionados: o processo, a pessoa o contexto e o tempo, mas, nesse modelo o processo se destaca como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, ou seja, a partir das interações recíprocas, com pessoas, objetos e símbolos presentes em seu ambiente imediato, nesse caso a família (CECCONELLO; KOLLER, 2011). De fato, sabe-se do quão é importante para o desenvolvimento da criança estar inserida em um ambiente familiar (ambiente imediato), principalmente nos primeiros anos do desenvolvimento e escolares, pois as práticas parentais influenciam nos comportamentos, no desenvolvimento emocional, na transmissão de valores que essa criança transmitirá em outros ambientes (BEE; BOYD, 2013; CIA; WILLIAMS; AIELLO, 2005).

Quadro 6. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais os comportamentos dos pais ou cuidadores que contribuem com o desenvolvimento dos filhos?
1-Comportamentos que estimulam (motor, cognitivo e social).
2-Comportamentos afetivos.
3-Acesso as atividades culturais.

4-Participação na vida escolar do filho

Segundo a opinião das professoras, os comportamentos dos pais que auxiliam no desenvolvimento infantil foram: (a) os pais devem emitir um comportamento no que diz respeito a estimulação (motora, social e cognitiva); (b) os pais devem emitir o comportamento afetivo; (c) os pais devem emitir o comportamento em relação a oferecer acesso ao filho, as atividades culturais e as informações e (d) os pais devem participar da vida escolar do(s) filho(s).

Quanto à categoria (a) e (b), pode-se dizer que a capacidade da família apoiar o desenvolvimento motor, social, cognitivo e afetivo da criança em idade pré-escolar é afetada não apenas pelas habilidades e pelos conhecimentos que os pais trazem a esse processo, mas pela quantidade de estresse e pela forma como os mesmos emitem os seus comportamentos (BEE, 2003). Os pais precisam ter conhecimento sobre práticas positivas em relação aos filhos, além disso, é importante que os mesmos consigam controlar o estresse para não emitir comportamentos punitivos e agressivos com seus filhos, uma vez que esse estresse pode ser fonte de outros ambientes onde esses pais convivem, como o ambiente de trabalho. Ou seja, a criança recebe influencia ao nível exossistêmico (NARVAZ; KOLLER, 2003).

Comportamentos que estimulam (motor, cognitivo e social):

“Interagir e estimular ao mesmo tempo, tanto o intelectual, cognitivo, motor, social e cultural”.

“Aquele criança que a mãe conversa bastante se desenvolve muito mais rápido, do que a criança que a mãe não conversa”.

“Outro comportamento é os pais participarem bastante da vida da criança, como na hora de brincar [...], acho que isso tem uma boa influência”.

Comportamentos afetivos:

“É isso que a gente falou, estimular o emocional, pais carinhosos, que conversam, que não batem”.

“O comportamento afetivo e de personalidade dos pais também podem influenciar no comportamento, uma mãe nervosa e agitada faz com que a criança não fique calma ou tranquila”.

“A gente tem que saber que a criança e cada família tem seu papel, tem o papel da mãe, o papel do pai e o papel do filho ninguém pode “roubar” o papel do outro.

Uma coisa que acho muito importante é ninguém desautorizar a autoridade do outro, principalmente na frente da criança, é o afeto e o saber cumprir as regras dentro do seu papel que é fundamental na família dentro dos seus direitos e deveres”.

Já, na categoria (c) que diz respeito à criança ter acesso à cultura e a informação, os pais que estimulam os filhos a terem acesso à informação, assim como a eventos culturais, oferecem modelo de atividade aos filhos, assim como de práticas favoráveis ao seu desenvolvimento (GOMIDE, 2004).

“Tem a questão da cultura e do acesso à informação e meios que a criança está inserida”.

“A parte cultural e de educação influencia muito, isso tem diferença também entre escolas centrais e periféricas”.

“A questão cultural do seu aluno influencia muito”.

De fato, estudos mostram que quanto maior a frequência de participação dos pais nessas atividades com seus filhos, melhor o desenvolvimento socioemocional e o desempenho acadêmico do filho (CIA; BARHAM; FONTAINE, 2010; CIA, 2009).

A categoria (d), que nos indica que os pais deveriam ter o comportamento de participação na escola, é fundamental para o desenvolvimento da criança e seu processo educacional.

“Tem que acompanhar na escola, ver o andamento de como a criança está indo, participar do meio escolar da criança, eles percebem muito isso, porque eles falam: mas minha não vem perguntar nada”.

“E nas festinhas da escola então, tem criança que nem quer dançar porque sabe que o pai ou a mãe não vai vim ou buscar. Na minha turma os pais não perguntam como é que foi ou o que eles fizeram só se aprontou ou se comeu e só, e na creche perguntam se tomou banho, porque se tomou, chega em casa e já vai dormir”.

“Eu acho que a criança que tem a influencia dos pais que perguntam o que está acontecendo na escola, os pais que participam mesmo da vida do filho você sabe que é outro tipo de criança, mais interessada, acaba refletindo na criança. Se os pais não participam tornam-se uma criança desinteressada”.

Segundo Bronfenbrenner (2011), os pais ao se envolverem e participarem das atividades dos seus filhos com frequência e com qualidade de interação, promovem os processos proximais, que são a base para a ocorrência de um bom desenvolvimento infantil. Tem-se que considerar a família na funcionalidade (em nosso caso nos comportamentos que os pais que auxiliam no desenvolvimento) e pode-se assim defini-

la sob a ótica bioecológica como um grupo de pessoas que possui e executa um compromisso irracional de bem-estar uns aos outros, sendo fácil aplicar esse compromisso se os membros do grupo vivem de alguma forma estrutural não importando qual, mas que pode ser eficaz para manter esse arranjo para que o desenvolvimento aconteça de forma eficaz (BRONFENBRENNER, 2011).

Quadro 7. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: O que os pais podem fazer para auxiliar os filhos na escola?
1-Ter comprometimento com a escola.
2-Ter uma boa participação e interesse na escola.
3-Respeito (às regras, à escola, aos professores e aos agentes da escola).

Segundo as falas das professoras emergiram três categorias sobre os comportamentos dos pais que auxiliam a criança na escola. Como primeira categoria desses comportamentos tem-se, o comprometimento com a escola, a segunda categoria diz respeito à participação na escola e a terceira o respeito.

Epstein (1986) nos traz tipos de envolvimento que podem ajudar os pais a emitirem esses comportamentos, um dos tipos de envolvimento seria: o das obrigações essenciais dos pais, que se referem às ações ou as atitudes da família perante a escola que coincidem com a primeira e a terceira categorias, nas quais as professoras colocam que esse comprometimento seria em ações como levar a criança na escola, ter responsabilidade com as questões relacionadas à escola, passar esse ensinamento a criança, entre outros.

“Primeira coisa é ter o comprometimento. Eles levarem a criança na escola, desde sempre na educação infantil ela (a família), tem que saber que ela tem um compromisso, uma responsabilidade de ir à escola”.

“Você percebe essa falta de compromisso, comprometimento, não dá criança, mas dos pais nas realizações das atividades no nível que ela está”.

“Comprometimento de levar a criança na escola, pois quando a criança não tem vontade de ir a escola a mãe acaba cedendo e isso atrapalha o desenvolvimento das atividades”.

Além disso, enfatizam o respeito às regras da escola, horários, uso do uniforme, materiais e o respeito ao próximo, ou seja, respeitar os professores, alunos outros pais e os outros agentes da escola.

“Os pais devem estar a par das regras e que têm que ser respeitados, em todos os lugares e estarem de acordo com as regras da escola”.

“[...] os pais falam de professores capacitados como se não fossemos, de merenda de qualidade como se as que preparámos, fosse ruim, cadê o respeito”.

“Eu acho que isso mesmo se interessar mais, as famílias perderam hoje o foco da educação. Se em casa não se fala bom dia, como estimular as crianças a falarem bom dia à professora e aos amiguinhos, respeito é tudo”.

Outro tipo de envolvimento é o dos pais em atividades de colaboração na escola para que eles possam ter uma maior participação, ou seja, chamar os pais para dentro do ambiente escolar. As professoras colocam quanto ao comportamento de participação ações como participar das festividades da escola, reuniões, HTPCs, vistoriar as agendas, responder aos bilhetes, se interessar em como foi o dia da criança na escola, entre outros.

“Outra coisa é o interesse. O pai sempre perguntar ao filho e saber o que ela faz na sala, os pais mostrarem interesse deles em ir à escola”.

“Quando os pais e os familiares se interessam é motivador para a criança e até para gente [...], os pais podem entrar no conselho da escola pais que se preocupam com toda escola não só com seu filho”.

“Essa participação devia acontecer desde o berçário, até os anos iniciais do fundamental. Muitos pais não sabem nem o nome da professora de seus filhos”.

Bheringe e De Nez (2002) falam que a importância do envolvimento dos pais na fase pré-escolar se auto explica como: família e escola juntas podem promover situações complementares e significativas de aprendizagens e convívio que vão de encontro às necessidades da criança, tanto na família quanto na escola. Bronfenbrenner (1996) identifica que a noção de parceria entre família e escola constitui-se no centro de qualquer programa de participação familiar no cotidiano da escola, como um comportamento essencial da reforma educativa tendendo a melhoria da qualidade da escola e a igualdade de oportunidade incluindo os mais desfavorecidos.

A família determina a capacidade real do indivíduo de tirar proveito de uma experiência em outro contexto como a escola, ou seja, o que se aprende ou o que se contribui com esse contexto depende do que provém da família (BRONFENBRENNER, 2011). Sendo assim, os comportamentos que as professora elencaram que os pais poderiam ter para auxiliar seus filhos na escola pode influenciar

no aproveitamento do que a escola pode oferecer a criança e como essa criança contribui para com a escola.

O que gerou muitas indagações a pesquisadora foi em uma fala, na qual assim se expressou “[...] *os pais querem professores capacitados como se não fossemos*”. Os professores precisam entender que quando chega o momento da família decidir sobre a escolarização, essa sendo família de criança PAEE ou não, as mesmas procuram o melhor para seu filho, mas para isso elas precisam conhecer a escola, não é somente a parte física da escola, mas saber da formação dos professores, ter acesso ao Projeto Político Pedagógico e se o filho for uma criança PAEE saber qual será o tipo de atendimento dado como o Atendimento Educacional Especializado, se na escola tem Educador Especial. Provavelmente, os pais desconhecem sobre a formação do professor ou mesmo sobre as atividades desenvolvidas com seus filhos, o que dificulta na aproximação deles a escola.

Por outro lado, os pais precisam compreender que a inclusão ainda não está definitivamente concretizada e que o país como um todo ainda está caminhando nesta direção e que as dúvidas existem para ambos os lados. Assim, pode-se questionar: Onde está o problema da inclusão escolar? Será que está somente na formação do professor? Como está sendo implantada as SRM e as condições de permanência desse aluno PAEE na escola? Ou seja, em quais instâncias pode-se recorrer?

Percorreremos agora o eixo temático 3 que fala sobre famílias de crianças público alvo da educação especial, mostrando quais são as características dessas famílias, os recursos e suas necessidades, e os comportamentos parentais que auxiliam na inclusão do filho dessa família, segundo a opinião de professores.

Eixo temático 3: Família de crianças público alvo da educação especial

Quadro 8. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais são as características das famílias de crianças público alvo da educação especial?
1-Superproteção
2-Aceitação (da deficiência, dos procedimentos da escola).
3-Participação (na vida escolar dos filhos, maior que os outros pais).

As falas das professoras nos mostram três categorias sobre quais são as características das famílias de crianças PAEE, sendo a primeira a superproteção. São muitas as mudanças nas famílias de crianças PAEE, Matsumoto e Macedo (2012)

mostram que um dos principais desafios que os pais têm é o de não se organizarem de maneira superprotetora, e que essa superproteção pode estar relacionada aos medos, paradigmas e preconceitos de nossa sociedade, mas sim se organizarem de uma forma em que possam promover a autonomia e a independência da criança PAEE.

“Superprotetores, a maioria tem medo e isso reflete na maior participação na escola, eles são bem mais preocupados”.

“A primeira característica que vem é a superproteção, eu sei por que eu sou mãe de uma família com criança com NEE”.

“A superproteção, ela deve continuar conforme o desenvolvimento e a faixa etária da criança”.

A segunda categoria que ilustra as falas das professoras sobre as características das famílias de crianças PAEE é a aceitação. Segundo Serra (2010), desde quando a família recebe a notícia a aceitação de ser família de uma criança com deficiência é um longo caminho e nem todos os pais conseguem superar esse momento. A grande extensão das adaptações impostas à família pela presença de uma criança com deficiência inclui transformações internas de caráter afetivo, temporal e/ou econômico e também as de forças externas que são provenientes da sociedade mais ampla (GLAT, 2004). Também o processo de aceitação varia de família para família, pois essa variação depende da formação social, histórica cultural e ideológica de como ela se depara com o “diferente” (MATSUMOTO; MACEDO, 2012).

“E na primeira semana chegou uma mãe e falou: Toma esse é o meu filho, ele é especial, virou e foi embora [...], depois de um tempo ela veio e me pediu desculpas. É que nos primeiros dias, ela pensava que íamos tratar ele diferente, eu acho que para a família é difícil a aceitação [...] é a dificuldade maior eu acho a aceitação”.

“[...] ele tem seis anos e nunca tinha ido para escola, ele foi a uma particular e ficou menos de um mês [...]. A família é complicada, eles não aceitam a deficiência, eles escondem a criança”.

“Inseguros, muitos pais não entendem o que a criança tem então tem essa atitude de não aceitarem a condição da criança”.

Quanto à terceira categoria que trata da característica de participação das famílias na escola, com relação à inclusão das crianças PAEE, as professoras apontaram que os pais são participativos. Matsumoto e Macedo (2012) destacam que deve haver no ambiente escolar uma participação ativa por parte dos pais do aluno com deficiência,

pois por muitas vezes a escola não consegue lidar sozinha com o desafio da inclusão, não conhecendo as realidades e os anseios e até mesmo os problemas dessas crianças. Sendo assim, os pais podem auxiliar nesse processo.

“Na escola que eu trabalho tenho uma visão positiva, a mãe descobriu na gravidez e já foi se preparando e então ela vive em função do filho e participa muito da vida escolar desse aluno”.

“Na última escola que eu trabalhei tinha um menino com suspeita de autismo. Ele era bem agitado e nervoso, o que acabava agitando as outras crianças, os pais não gostavam muito que falássemos isso, porém participavam bastante da vida escola”.

“Lá na escola a gente tem um aluno com síndrome de Down e o que eu notei de diferente é a atenção, o interesse em todas as atividades que ele faz o que acontece na escola, ainda tem a dedicação da direção e dos professores. As outras famílias das crianças típicas não se preocupam tanto”.

Quando fala-se dos pais de crianças PAEE no modelo bioecológico tem-se o componente desse modelo denominado de *pessoa* e há três tipos de características da pessoa que atuam no desenvolvimento e que influenciam nos processos proximais, sendo que as interações que ocorrem dentro desse microsistema (família) são permeadas por essas três características. Uma delas é a *força* que descreve elementos que colocam esses processos proximais em movimento e que se refere às características ou disposições comportamentais que podem tanto desenvolver como gerar obstáculos que impeçam o desenvolvimento. As características geradoras incluem orientações como disposição para engajar-se em uma atividade e ter respostas às iniciativas dos outros, senso de autoeficácia (que em nosso pode ser compreendido como o comportamento de participação dos pais na escola da criança PAEE) e as características desorganizadoras se referem às dificuldades da pessoa manter o controle sobre as emoções encontrando-se aqui características como; apatia; insegurança, impulsividade que podem encontradas nas famílias de criança PAEE (NARVAZ; KOLLER, 2011).

A segunda característica são as dos *recursos biopsicológicos* que envolvem as experiências, as habilidades e os conhecimentos necessários para o funcionamento dos processos proximais e envolvem também deficiências e competências; as deficiências representam as condições que limitam ou inibem a integridade funcional do organismo como as deficiências (criança PAEE), e a terceira característica são as *demandas* que são aspectos que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social e são atributos capazes de incitar ou impedir as reações do ambiente social, como em nosso

caso as características de superproteção e aceitação das famílias de crianças PAEE (NARVAZ; KOLLER, 2011).

Quadro 9. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais são os recursos e as necessidades das famílias de criança público alvo da educação especial?
1-Necessidades de apoio psicológico.
2- Necessidades de apoio financeiro.
3- Necessidades de informação

Os dados que seguem mostram a opinião das professoras sobre quais são os recursos e as necessidades das famílias de crianças PAEE, sendo apontado que essas famílias necessitam de recursos psicológicos, financeiros e informativos.

Necessidades psicológicas:

“Acho que necessitam de um apoio psicológico, porque muitos pais não aceitam que a criança não é normal, um acompanhamento”.

“Usando essa família que citei eles precisam de muita ajuda, de apoio especializado de psicólogo, de não sei mais quem, eles precisam se tratar para tratarem a criança”.

“Às vezes um psicólogo, estar esperando nascer uma criança normal e não vem que é o estado de luto, se questionam e se culpam”.

Necessidades financeiras:

“Eles têm direito a um salário, aposentadoria da criança para ajudar”.

“[...] necessitam de dinheiro, se a deficiência do filho for grave acho que depende da deficiência essa questão financeira”.

“É preciso um órgão específico que chegasse a essas famílias para ajudar para ver a prioridade de tratamento que a criança precisa e um tratamento tudo é muito caro então precisam ter um suporte financeiro”.

Necessidades de informação:

“Os pais às vezes até sabem, mas pela burocracia de ter que perder um dia de trabalho tem que ver essa parte também que é o lado deles”.

“Procurar um esclarecimento da deficiência da criança. Um pai que é leigo não vai saber do que o filho precisa, de algo diferenciado. Ele sabendo, pode ajudar a estimular para que essa criança se desenvolva dentro das suas condições”.

“[...] hoje tem as instituições e a escola, algumas deficiências necessitam frequentar as duas e os pais estão relutando em colocar. Têm pais que querem apenas a escola regular, eles precisam ter esse entendimento”.

Quanto a isso, Fiamenghi e Messa (2007), em seus estudos sobre a família atual e as situações que ocorrem quando existe uma criança deficiente na família, mostram que as redes de apoio e os serviços disponibilizados para o tratamento e o acompanhamento da pessoa com deficiência não parecem favorecer a adaptação da família que precisa ser atendida e com recursos profissionais adequados. Além disso, a maioria dos pais não tem acesso às informações sobre a deficiência de seu filho e, como consequência, não conseguem seguir as instruções. Tais famílias não serão problemáticas ou não sofrerão estresse se receberem apoio social.

Bronfenbrenner (2011) aponta que as famílias não existem sem suas vulnerabilidades e que dependem de apoio, principalmente nos contextos mais amplos como os exossistemas onde se encontra o contexto do trabalho dos pais, da assistência a saúde e do suporte social, e o macrossistema onde se encontra o contexto do Estado, da cultura e do modo de vida dessa família. Cada apoio social recebido ou a falta dele determina a confiança ou o estresse que os pais podem levar nas relações com seus filhos e com os outros, como na relação família e escola.

Quadro 10. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais os comportamentos que auxiliam na inclusão da criança pré-escolar?
1-Conhecimento sobre o filho
2-Participação na escola
3-Abertura à escola e à inclusão

Em relação aos comportamentos parentais que auxiliam na inclusão da criança pré-escolar, as professoras apontaram que os pais precisavam ter conhecimento sobre o filho, mais precisamente sobre sua deficiência. De fato, muitos pais chegam com seus filhos na escola sem se quer saber que seu filho tem alguma deficiência, não passando informações necessárias para os professores, que como nos foi relatado, são os que muitas vezes identificam e comunicam a escola e aos pais. Realmente, um aspecto que pode ser observado nos pais é a precariedade de informações que eles têm sobre a deficiência de seu filho, pois a maioria desses pais não tem acesso a esses dados quando a criança nasce e muitas vezes não tem acompanhamento de profissionais que podem auxiliá-los (FIUMI, 2003).

“Um conhecimento aprofundado sobre a necessidade de seu filho”.

“Um conhecimento mais aprofundado, às vezes a família quase não tem recursos vai ter mais dificuldades de proporcionar o melhor a essas crianças”.

“Se for uma família que não tem tanto conhecimento, tem que entrar na escola para fazer esta mediação com o postinho de saúde e passar o conhecimento mínimo, ensinar o que é melhor para fazer algo com a criança”.

Outro comportamento dos pais apontados pelas professoras foi a participação dos mesmos na escola. Os pais teriam que ter uma participação que buscasse a interação com as próprias professoras e com a direção da escola, para saber da evolução de seus filhos, pois as professoras veem como um estímulo para o desenvolvimento e desempenho acadêmico da criança. Realmente, o envolvimento dos pais não só contribui com todo o processo escolar, mas também na compreensão desse processo, melhorando o rendimento escolar dessas crianças (BHERING; SIRAJ-BLATCHFORD, 1999).

“A participação mesmo, buscar a professora, a diretora os outros pais”.

“A partir do momento que começa a se envolver com outras crianças ela se torna mais estimulada e quando a família participa da escola esse estímulo é muito importante. Uma equipe de interação, pais, professores, amigos e direção”.

“Participar da vida do filho na escola, se preocupar em ver a evolução diária semanal”.

Quanto aos pais terem abertura à escola, pode-se salientar que muitas vezes a iniciativa para o envolvimento dos pais com a escola é desenvolvida sem levar em consideração que ambos podem traçar metas semelhantes (BHERING; DE NEZ, 2002). Para que haja essa abertura dos pais em relação à escola, a escola deve promover junto a esses pais uma relação baseada na confiança, conseqüentemente, esses pais confiarão em seus professores e em suas propostas pedagógicas (GUALDA, 2013).

Por fim, quanto à abertura da família a inclusão, um estudo feito por Silveira e Neves (2006), com pais de crianças PAEE sobre a concepção dos mesmos quanto à inclusão aponta que os pais acham ser o ensino especial a melhor opção para suas crianças e consideram também muito difícil seus filhos estarem em classe comuns. Como fatores que impedem a aceitação dos pais a inclusão, o estudo apontou motivos como: turmas cheias, despreparos dos professores, preconceito e as dificuldades da própria criança.

“Uma vez eu soube que um aluno tinha crises convulsivas porque eu li na ficha. Os pais não chegaram e contaram. Uma comunicação deveria ser obrigatória, seria uma alternativa para ajudar a entender e a lidar com a criança. O primeiro passo é essa conversa, um diálogo entre a família e a escola”.

“Abertura com a escola. Quando a gente faz à matrícula a gente perguntar a e família falar a realidade [...]”.

“Confiar e apoiar a escola na inclusão, os pais devem se sentir seguros em relação à escola onde seu filho está sendo incluído, assim os pais têm mais incentivo para se envolver mais com a escola”.

De fato, segundo Mendes (2006), a inclusão escolar ainda é um desafio, tanto para os pais, quanto para as escolas e a sociedade e para que a inclusão escolar aconteça dependerá de um esforço coletivo, com mudanças de pesquisadores, políticas, prestadores de serviço, familiares e públicos da educação especial, para que se trabalhe por um objetivo comum, ou seja, garantir uma educação de melhor qualidade para todos.

O mesossistema consiste no conjunto de microsistemas (em nosso caso a família e a escola) que a criança frequenta em suas interações, e os processos que são produzidos nesses ambientes são interdependentes e se influenciam mutuamente, assim a interação de uma pessoa (criança, pré-escolar PAEE) em um determinado lugar (família) é influenciada e influencia outros ambientes dos quais ela participa, como a escola (NARVAZ; KOLLER, 2011). Ou seja, os comportamentos parentais que as professoras elencaram para auxiliar na inclusão da criança pré-escolar PAEE como o conhecimento sobre as necessidades de seu filho, a participação desses pais na escola e na escolarização e sua abertura quanto a própria escola e a inclusão, dependendo de como essa família os desempenha se com mais ou menos igualdades de *força* podem afetar diretamente a inclusão escolar da criança.

É importante salientar que as professoras disseram que as famílias de crianças PAEE participam mais que as outras famílias, mas porque isso acontece? Será que elas sentem uma necessidade maior de estarem presentes na vida escolar de seus filhos? Talvez por que esses dependem totalmente dela? Serão outros motivos? Ou ainda será porque a família é realmente interessada em saber sobre a vida escolar de seus filhos? Os questionamentos são muitos, mas o mais importante não é saber o porquê eles estão participando e sim que estão participando e reforçar tal participação, como tais professoras demonstraram fazer.

O próximo eixo que investigaremos é o quatro, que discorre sobre relação família e escola mostrando o que é essa relação, qual sua importância para as crianças pré-escolares incluídas, quais políticas e ações escolares que auxiliam nessa relação, quais os comportamentos das professoras que auxiliam os pais das crianças pré-escolares incluídas e ainda os comportamentos parentais que auxiliam os professores das crianças pré-escolares incluídas segundo a opinião dos professores.

Eixo temático 4: Relação família e escola

Quadro 11. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: O que é a relação família e escola?
1- Contato (troca, informações, relações, comunicação e convívio).
2- Abertura entre escola e pais.

Quando perguntado as professoras o que é a relação família e escola de crianças PAEE, as falas se dividiram em duas categorias. Na primeira categoria, as professoras salientaram que a relação família e escola é um contato na qual ocorre trocas de informações, relações interpessoais, comunicação e convívio.

“Eu acho que é o que a família traz é uma troca, qualquer problema expor ao professor e a escola”.

“Eu acho que a vontade desse contato mesmo de ir à escola e ver o que está acontecendo o mínimo contato, a agenda, por exemplo, a mãe sabe do contato da agenda e a gente entende que a mãe trabalha e muitas vezes o contato é esse”.

“[...] e tem a parte dos professores de saber a necessidades básicas, se tem algumas dificuldades chamar os pais para dentro da escola e informar e ser informado”.

Já, na segunda categoria, as professoras colocaram a relação família e escola como a abertura entre a escola e os pais, e que se existe essa abertura e uma maior flexibilidade em relação a esses pais, os professores conseguem trazê-los mais vezes a escola.

“A família está presente na escola, não só no momento da reunião de pais ou quando ele é solicitado, mas em momentos que ele tem alguma dúvida a relação família-escola e a família está presente dentro da escola somente quando é solicitado”.

“Você também tem que ter uma flexibilidade com os pais, porque se não você não traz ele para a escola já é difícil ganhar os pais e ainda se não tiver uma abertura da escola eles acabarão não indo mais”.

“A família tem que ter uma abertura com a escola para expor o que está acontecendo e as maneiras de resolução [...]”.

Portanto, uma boa relação entre a família e a escola deve estar presente em qualquer trabalho educativo que tenha como seu principal objetivo o aluno. A escola deve também exercer sua função educativa junto aos pais, fazendo discussões, trazendo informações, os orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, escola e família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças (SOUZA, 2009).

Quadro 12. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Qual a importância família e escola de crianças incluídas?
1-Benefícios à criança.
2-Informações sobre a criança (para um bom trabalho pedagógico, AEE e a escola saber lidar).
3- Essencial/Importante.

Quando perguntado as professoras sobre a importância da relação família e escola das crianças pré-escolares incluídas, as falas se dividiram em três categorias. Na primeira categoria, as professoras apontaram que essa relação é importante para os pais trabalharem juntos com a escola. Esses benefícios podem vir em forma de Atendimento Educacional Especializado (AEE), em que o Educador Especial organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras e possibilitem o acesso ao currículo, à comunicação e aos espaços físicos, levando em consideração as necessidades de cada aluno, promovendo a sua formação integral promovendo sua autonomia e independência (BRASIL, 2008). Sendo que uma das funções da professora do AEE é a de estabelecer relação com a família do seu alunado.

“Sempre aberto. Os pais devem vir à escola e se preocupar com o que acontece com a criança e a escola ir atrás dos atendimentos que beneficiam a criança juntos, fonoaudióloga, AEE o pai estimular essa ajuda. Pai e escola trabalhando juntos, sem discriminação e preconceito”.

“A escola tem que se adaptar a inclusão e não somente a sala da criança, isso a beneficiaria muito”.

“Muitos pais acabam omitindo algumas situações/attitudes da criança e eles acham que estão ajudando, mas não, pois expondo tudo isso o professor pode saber realmente como a criança é. Assim usar isso para o benefício da própria criança”.

Quanto a categoria 2, as professoras salientaram que essa relação é importante porque pode trazer aos mesmos informações sobre a criança, o que permite que seu trabalho seja mais eficiente. Se os pais oferecem a esses profissionais informações pertinentes sobre as dificuldades, processo de aprendizagem e desenvolvimento de seus filhos, essa relação aconteceria de forma mais concreta. Quanto maior o fortalecimento dessa relação melhor será o desempenho desse filho/aluno, assim, a escola e a família devem aproveitar os benefícios dessa relação porque essa oportunidade pode resultar em facilitadores da aprendizagem e de formação social de criança (SOUZA, 2009). Ao relacionar essa categoria com a primeira, nota-se que as professoras esperam que os pais busquem atendimentos e que transmitam informações sobre a criança para eles. No entanto, os mesmos também podem auxiliar os pais na busca de conhecimento sobre a deficiência do filho ou mesmo sobre possíveis apoios que os pais poderiam ter de profissionais da área da saúde.

“[...] os pais falarem meu filho tem isso, depende disso... sem esconder nada, pois pensam no preconceito”.

“É fundamental né? Para sabermos os costumes, hábitos das crianças saber a verdade, alguns são agressivos, outros são carinhosos, se é alérgico, o que está tomando. É saber o que está acontecendo, ainda mais com a criança com NEE”.

“Não somente os fatos de comunicar as informações se está bem ou doente, mas interagir e se a criança está evoluindo principalmente se você é pai ou mãe de criança com NEE, se está evoluindo como é o comportamento na escola”.

Para incrementar a comunicação e a parceria escola e família, os pais precisam estar dispostos a partilharem informações com os professores, assim como devem saber como podem ajudar e apoiar o professor de todas as maneiras possíveis. Já, os professores devem se mostrar abertos e receptivos as intervenções e aos apoios destinados a dar respostas às necessidades individuais do aluno, devem estar sensibilizados para o que lhes é transmitido pelos pais e dispostos a proceder aos adequados reajustes com esse aluno (REIF; HEIMBURGE, 2006).

A terceira categoria que ilustra as falas dessas professoras é que a relação é essencial para a criança pré-escolar incluída, mas essa relação ainda se mantém vinculada a situações ou algum tipo de problema. Sendo assim, pouco contribui para que essa parceria se construa em fatores que sejam positivos e gratificantes e que

estejam relacionados ao aprendizado, desenvolvimento e sucesso do aluno (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010).

“Essa relação, no caso dessas crianças ele é muito importante, porque se a gente sabe o que essa criança tem e para diferenciar a prática pedagógica muitas vezes você precisa saber com o que está lidando [...]”.

“[...] é importante a escola atentar e não só o professor que está com o aluno, mas a escola inteira”.

“Essencial, muito importante e agora com o ensino colaborativo está super legal”.

Segundo Lisboa e Koller (2011), a família é um exemplo clássico de microsistema, e no núcleo familiar a pessoa em desenvolvimento experimenta relações mais diretas nas quais assume papéis sociais, mas à medida que a pessoa se desenvolve e suas relações vão se tornando mais complexas, ela é capaz de transitar entre diferentes microsistemas alternando seus papéis sociais, o ambiente ou ambos (a escola recebendo um aluno PAEE). Este processo é chamado de *transição ecológica* e uma das primeiras e mais importantes é a passagem da família para a escola.

A escola é considerada por alguns autores tão importante quanto à família, mas tem suas nuances diferentes, pois o microsistema escolar representa para a criança uma oportunidade de socialização coletiva, que além da aprendizagem formal e de desenvolvimento cognitivo ela também proporciona um espaço para o desenvolvimento intelectual, social, emocional e moral (LISBOA; KOLLER, 2011).

Sendo assim é de fundamental importância que esses dois ambientes se relacionem e que essa relação se fomente, pois como salientam as professoras em suas falas, a relação dos pais com a escola traz benefícios a criança, pois as informações sobre a criança PAEE são essenciais para que possam garantir sua entrada, permanência e seu sucesso escolar.

Quadro 13. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Tem alguma política ou ações na escola que auxiliam na relação família e escola?
1-Conhecimentos (tanto da escola quanto à família, tanto da família quanto à escola).
2-Trabalho conjunto (escola, pais e secretaria).
3- Momentos festivos.

Quando perguntado as professoras quais as políticas ou ações a escola desenvolviam para auxiliar na relação família e escola, foram elencadas três categorias:

- a primeira foi a de conhecimento, pois as professoras em suas falas foram categóricas e enfatizaram que esse conhecimento a escola tem que ter em relação a família do aluno PAEE, assim como a importância do conhecimento que os pais devem ter da escola de seu filho:

“Conhecimentos das necessidades, adaptando o que você pode fazer, conversar com todos os docentes e a equipe que vai receber esta criança e assim compartilhar o conhecimento”.

“[...] valorizar o trabalho dela e a família vai poder ter conhecimento dos seus progressos. A gente tem que pensar que um ambiente negativo influencia a criança, tanto em casa quanto na escola ela leva isto para outros ambientes”.

“[...] mostra mais desses temas, vídeos, rodas de conversa para não entrar o processo de preconceitos e tanto a família quanto a escola ter conhecimentos”.

- a segunda categoria era a do trabalho conjunto, em que as professoras salientam que a parceria entre a escola, a família e a Secretaria de Educação são imprescindíveis:

“A participação é bem bacana na escola que trabalho, então, a diretora que já está ali há oito anos, ela já conseguiu mudar a postura dos pais. Então, com o tempo, ela conseguiu trazer os pais para a escola, para um trabalho conjunto”.

“Nas reuniões de HTPC explorar isso e passar as experiências. Em uma reunião conjunta entre pais e professores é importante a diretora abrir este espaço no conselho da escola”.

“Quando não consegue fazer o básico internamente na escola, pode-se recorrer a ajuda externa que irá favorecer a criança no ambiente com a satisfação dos pais e dos professores, como por exemplo, a Secretaria”.

- por fim, a terceira categoria é a dos momentos festivos. As professoras argumentaram que esses momentos são ações, pois servem de recursos pra trazer os pais para a escola:

“Tem algumas ações, mas acho que são poucas, bazar, apresentações, término de ano. Teve um ano que trabalhei na escola que as famílias eram bastante presentes”.

“Além da reunião de pais oferecer atividades extras como festas, não só para o fim escolar, mas para servir de recurso escola e para chamar os pais”.

“Apresentações de teatro, a festa da família, festas que a família é convidada a participar”.

Segundo Souza (2009) encontrar formas de interagir com as famílias e comunidade de modo a favorecer um trabalho conveniente e propício a todos se estabelece como um grande desafio para a escola, diante desses antecedentes pode-se entender que o papel da escola supera a condição de mera transmissora de conhecimentos.

Segundo Paniagua e Palácios (2007), quanto maior a diversidade de ações desenvolvidas pela escola, maior a probabilidade de atingir um número significativo de pais. Pois, cada família tem a sua rotina e suas convicções sobre o espaço escolar, se envolvendo nas atividades escolares dos seus filhos PAEE de maneira diversificada. Abaixo segue a discussão sobre os comportamentos dos professores que auxiliam os pais no desenvolvimento de crianças pré-escolares incluídas, segundo a opinião das professoras.

Quadro 14. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Como os professores podem auxiliar os pais no desenvolvimento dos seus filhos?
1-Observando a criança (e reportando aos pais).
2-Conversando com os pais.

Como se pode observar, quando perguntado as professoras quais comportamentos que poderiam auxiliar os pais das crianças pré-escolares incluídas, duas categorias se destacaram, entretanto foi encontrado algo em comum entre elas, o diálogo. A primeira categoria se referia aos comportamentos dos professores de observar a criança e reportar aos pais.

“Observando a criança no dia a dia da sala de aula e conversando para ver se mudanças de comportamentos acontecer em casa ou na sala, observando mesmo o que o professor tem que perceber e passar para os pais”.

“Primeiramente, o professor quando entra uma criança com NEE na escola ele deve observar e buscar diagnóstico e a partir daí pesquisar sobre a deficiência para proporcionar o mesmo do que o outro aluno”.

“Antes se pensava muito assim pelo menos no fundamental deve ver não os acertos mais os erros, e a preocupação da educação infantil é incentivar os acertos, então é observar a criança e mostrar para os pais”.

A segunda categoria que ilustra as falas foi a de conversar com os pais, em que o professor poderia ajudá-los fornecendo dicas, informações e auxiliando-os em prol do desenvolvimento da criança.

“Dando dicas de como o trabalho é feito em sala de aula para continuar o trabalho em casa, em colaboração”.

“A partir do momento que vem ajuda externa, a gente tem como base uma teoria para estar passando a fonoaudióloga e a educadora especial e a partir disso aos pais vamos fazer assim, pois assim é melhor”.

“Dando dicas mesmo, de como trabalhar com a criança de que estamos além de também auxiliar nesse modo educacional”.

Segundo Narvaz e Koller (2011), o desenvolvimento na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner ocorre por meio de processos de interação recíproca, de um ser humano ativo e biopsicologicamente em evolução com as pessoas (professores) objetos e símbolos presente no ambiente (escola). Sendo assim, a interação do professor com a criança em conjunto com ações como a observação e a reportagem dessas observações aos pais, auxilia em participar do desenvolvimento integral da criança.

Quadro 15. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Como os pais podem auxiliar os professores na inclusão de seus filhos?
1-Conhecendo a NEE do filho.
2- Abertura e aceitação dos pais diante da deficiência de seu filho.

A discussão abaixo mostra os comportamentos parentais que auxiliam os professores das crianças pré-escolares incluídas, segundo a opinião das professoras. Quando perguntado as professoras quais os comportamentos parentais os auxiliavam, mais uma vez o comportamento dos pais conhecerem as necessidades e a deficiência de seu filho foi salientado. Isso nos mostra que as professoras estão sempre reforçando em suas falas que os pais precisam conhecer seus filhos e quando se trata de um filho com deficiência, as mesmas deixam claro que é extremamente importante, pois ajudaria a escola e os professores a lidar com a questão, podendo assim, fazer adaptações necessárias para que esse aluno permaneça e tenha sucesso na sua trajetória escolar.

“Esclarecer a real situação para cuidar das crianças, pois, se houver omissão da família vai prejudicar a situação da criança”.

“[...] e assim foi, a mãe levou o que já funcionava em casa e assim já sabia o que funcionava. Ela tinha quatro anos e não andava, depois de alguns meses na escola já estava andando e tudo que os médicos falavam ela passava para a escola. Nas reuniões de HTPC, ela tem colocado os professores da educação infantil a par de tudo e na parte mais crítica do desenvolvimento”.

“Os pais levarem todas as técnicas, experiências e informações ao professor quanto mais cedo mais fácil para lidar com a situação e contribuir com seu desenvolvimento”.

Outro comportamento parental, segundo as professoras que as auxiliariam era o da aceitação desses pais diante da deficiência de seu filho. Nem sempre a compreensão implica em aceitação, já que já que compreendemos com a razão e a aceitação envolve aspectos emocionais (REGEN, 2005), ainda segundo a autora, várias são as fases pelas quais os pais passam e reações que apresentam nos processos de compreensão, adaptação e aceitação desse filho e tais reações não acontecem de forma sequencial e estática, e nem todos os pais passam por todas elas.

“Primeiramente, os pais têm que estar abertos a aceitar que o filho deles tem uma necessidade especial”.

“Se a família não aceita a deficiência ela não vai conseguir incluir, é tudo a passo de formiguinha, e você não pode deixar para o meio do caminho”.

“Mas tem pais que são um pouco relutantes a isso, que eles querem apenas escola regular, sem apoio ou atendimento especial. A criança tem necessidades que precisam de apoio específico e se o pai desconhece ai fica difícil”.

Os professores envolvidos com a questão da deficiência devem tomar conhecimento das condições emocionais dos pais, conhecer suas expectativas e principalmente as explicações que os pais dão ao problema enfrentado pelo filho (BRUNHARA; PETEAN, 1999), pois só conhecendo os pais que a escola poderá manter uma boa relação com a família.

Retomando novamente a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, para Narvaz e Koller (2011) a família é o microsistema que a criança frequenta e a escola também e esse conjunto de microsistemas forma o mesossistema que é ampliado sempre que a pessoa passa a frequentar um novo ambiente, assim a interação de uma pessoa em um determinado lugar como, por exemplo, a família é influenciada e igualmente influencia os outros ambientes dos quais participa, como a escola.

Dessa forma, pode-se dizer que a maneira como os pais de crianças PAEE comportam-se perante a inclusão escolar de seu filho influenciará o outro ambiente, neste caso, a escola. Tal aspecto está condizente com falas das professoras de que a própria abertura e aceitação dos pais a esse processo de inclusão podem auxiliar os professores.

Transmitir para a escola e principalmente para os professores informações sobre a criança com deficiência é importante para auxiliar no processo de ensino

aprendizagem da mesma. No entanto, deve-se pensar que nem todas as famílias têm acesso às informações que são necessárias e pertinentes que os pais saibam. Assim, é importante que os professores, quando se depararem com famílias nessas condições, possam ajudá-las a buscar informações sobre a criança, assim como seus direitos.

Em seguida, o eixo cinco discorrerá sobre as estratégias para promover a relação família e escola, quais são utilizadas pela escola para fomentar essa relação e quais a escola poderia ter para aproximar os pais nas atividades escolares dos filhos em casa e na escola.

Eixo temático 5: Estratégias para promover a relação família escola

Quadro 16. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais as estratégias na escola que são realizadas para fomentar a relação família e escola?
1-Festividades/Eventos.
2- Reuniões.
3- Tempos reservados para conversas com os pais fora dos horários de reunião.

A discussão que segue mostra as estratégias utilizadas na escola para fomentar a relação com as famílias, segundo a opinião das professoras. As categorias mostram que as estratégias que eram utilizadas na escola para fomentar a relação escola e família, na opinião das professoras, eram as ações como as festividades, os eventos, as reuniões e os tempos reservados para conversas com essas famílias fora do horário das reuniões.

- Festividades/Eventos.

“A escola usa as festas, como a festa da família, festa junina e de final de ano, todas as comemorações”.

“A festa da família é um momento que a maioria vai participar e se interessar a festa junina também [...]”.

“A semana do bebê que é dedicada a levar os pais a participar das atividades como, oficinas, psicólogo, passeata e que esta entrando no calendário oficial que são atividades para tentar atrair os pais”.

- Reuniões.

“A participação em conselho, APM, antes não, mas agora eles são meio que obrigados a participar do PPP - reuniões entre comunidade, pais e professores”.

“Uma coisa que falo se os pais são bem tratados na escola, eles vêm para a reunião e participam e a diretora sempre recebe os pais [...]”.

“Mostrar as atividades nas reuniões de pais e não somente passar comunicados, os avanços da criança e a surpresa dos pais em ver o que a criança consegue fazer dentro de sua capacidade [...]”.

- Tempos reservados para conversas com os pais fora dos horários de reunião.

“Em momentos mais urgentes, a gente ligar sobre alguma coisa urgente que precisa ser informada e não pode ir imediatamente à escola e quando você tem um bom relacionamento com os pais eles voltam eles querem conversar, mas outro horário”.

“Tem que dar essa abertura de horário. A educação não é fechada, isso gera a insatisfação dos pais porque tem dia que eu estou na escola o dia inteiro e não atendo os pais na hora que ele pode”.

“É complicado conversar na hora da saída ou na hora da entrada da escola, então o entrave é você pensar em um horário, sempre falo para os pais serem as segundas-feiras até às oito horas da manhã e eles vão principalmente os que não podem ir as reuniões”.

Um estudo feito por Polônia e Dessen (2005), mostra que vários pesquisadores têm discutidos os mecanismos e as estratégias da integração entre esses pais e a escola, no entanto, as autoras ressaltam que é importante que cada escola e grupo de pais devam encontrar formas próprias de relacionamento, levando em consideração a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos.

Quadro 17. Categorias que ilustram as falas das professoras

Categorias: Quais as estratégias que a escola poderia fazer para aproximar os pais nas atividades escolares do filho em casa e na escola?
1-Mandar tarefas para casa.
2- Projetos para atrair os pais.

Quando perguntado as professoras quais estratégias a escola poderia ter para fomentar essa parceria família e escola, as falas significativas apontaram duas estratégias que poderiam ser implementadas em curto prazo, que é a de mandar tarefas para casa que os filhos possam compartilhar com os pais.

“Pesquisas, questionários, corpo humano para enfeitar, depois através de exposição na escola”.

“Para aproximar é preciso o pai saber o que o filho faz na escola, leve as atividades para fazer em casa e que os pais possam compartilhar com a criança... é uma forma de aproximá-los”.

“A interação dos pais com a escola, um projetinho, uma pesquisa para o pai responder em casa e assim participar das atividades da escola”.

E projetos, como o de levar livros para a casa, caderninho ou contação:

“Nossa escola tem um projeto de levar o livro para casa e depois eles mandam escrito para que as crianças contem”.

“Na minha escola tem um projeto atrás do caderninho. Os pais escrevem colocam sua opinião que estão achando, se é bacana e se gostam, pois quando o filho chega em casa transmitindo o que ele aprendeu na escola, é uma estratégia maravilhosa”.

“Projeto livro da fase três, os pais levam o livro para ler para os filhos e depois relatam como foi a contação, os pais assinam um termo de responsabilidade sobre os livros e materiais emprestados da escola”.

Para propor as estratégias, a escola deve levar sempre em consideração o contexto cultural, isto é, as crenças, os valores e as peculiaridades dos ambientes sociais da criança PAEE (POLÔNIA; DESSEN, 2005). Segundo a teoria Bioecológica do desenvolvimento, a escola e a família são contextos que se enquadram no nível do microsistema no qual há padrões de atividades, papéis sociais e relações interpessoais que são experienciados face-a-face pela pessoa e que esses microsistemas juntos formam outro nível que chamamos de mesossistema que onde os processos agem interdependentemente, ou seja, depende um do outro e se influenciam-se reciprocamente (NARVAZ, KOLLER, 2011).

Sendo assim, as estratégias que são realizadas pela escola para trazer esses pais e fazer com que esses participem efetivamente influenciam diretamente no processo de inclusão e escolarização da criança PAEE, pois quando a escola pensa e incentiva a relação família e escola, ela está pensando em seus alunos e, conseqüentemente, em uma maior participação dos pais no contexto escolar faz-se necessária para que a escola e os professores possam conhecer esse aluno e possam oferecer uma maior assistência pedagógica e a que se fazer necessária.

Independente de pais e escola poderem desempenhar papéis importantes na escolarização da criança pré-escolar PAEE na rede comum de ensino, sabe-se que ao nível macrossistêmico, é importante a criação de políticas públicas para incentivar e criar mecanismos na maior inserção parental no contexto escolar (BRONFENBRENNER, 2011). Sem tais medidas, muitas escolas fazem trabalhos isolados com os pais, que mesmo sendo efetivos não se perpetuam.

Muitas questões estão presentes quando aponta-se para estratégias ou ações para trazerem esses pais para dentro da escola e com eles estabelecer uma relação. Essas ações ou estratégias, a nível macrossistêmico, podem partir de instâncias superiores, como a Secretaria da Educação, políticas públicas, ou podem partir da direção da escola, a nível microssistêmico. Como por exemplo, acontecer de maneira coletiva nas reuniões de HTPC e Associações de pais e mestres.

As professoras disseram também que por mais que eles e a escola se esforcem para uma maior participação dos pais, essa participação ainda não é satisfatória, mas as próprias professoras indagam que isso acontece por inúmeros fatores e que muitas vezes eles também como pais não conseguem participar tanto da vida escolar de seus filhos. Toda estratégia por mais simples que seja desde um tempo reservado para conversas informais, como estratégias que envolvem toda a escola como projetos e festividades são válidas, o que não pode ocorrer é a desistência e a não insistência por parte dos professores e da escola em trazer a família para a escola e assim fomentar e construir uma relação consistente e definitiva.

Considerações finais

Essa pesquisa, tendo como objetivo investigar a opinião de professores pré-escolares sobre a relação família e escola de crianças PAEE, possibilitou a reflexão e análise sobre discursos de professores que apontaram indícios sobre as possibilidades, conquistas e dificuldades nessa relação.

As professoras apontaram uma diversidade de possíveis constituições e concepções de famílias, o que significa que a escola começa um novo olhar quanto esses inúmeros modelos de famílias. E esse conhecimento e compreensão auxiliam na relação que deve haver entre esses dois ambientes da criança PAEE em desenvolvimento.

Já, quanto à importância da família para o desenvolvimento infantil, os sujeitos foram categóricos em afirmar que a família é a responsável por todo o desenvolvimento físico, social e cognitivo, bem como sua educação formal e a transmissão de seus valores e cultura. E quanto o que a família pode fazer para auxiliar seus filhos na escola, as professoras foram unânimes em dizer que ter comprometimento, respeito e boa participação, são atitudes da família que auxiliariam e proporcionariam a criança uma

plena participação. Já que para garantir o acesso à permanência e o sucesso escolar a parceria da família com a escola é essencial.

Sobre as características das famílias de crianças PAEE, a característica com maior indicação foi a superproteção, afirmando que essa atitude, de maneira geral, não diminui com o crescimento do filho. As professoras pontuaram também a aceitação como característica importante da família da criança PAEE, sendo na opinião deles essa a maior dificuldade. Também a aceitação dos procedimentos da escola, pois segundo a fala das docentes, os pais pensam que o tratamento dos professores com o filho pode ser diferente. Porém, é apontada uma maior participação na vida escolar dos filhos em relação a outros pais, fruto, segundo eles, de superproteção.

Quanto aos recursos e as necessidades que as famílias de crianças PAEE possuem, as professoras se restringiram apenas as necessidades, sendo destacados exemplos carência psicológica, financeira e informativa. Quanto aos comportamentos dos pais que auxiliam na inclusão da criança, as professoras apontaram a transmissão do conhecimento que os pais podem passar a escola sobre as necessidades do seu filho, a participação dos pais na escola e a abertura que esses pais têm que ter sobre a escola e a inclusão.

Quando se trata da relação família escola, as professoras apontaram o contato e a abertura entre escola e pais. Quanto à importância dessa relação foram elencados três pontos: benefícios à criança, informações sobre as crianças e que essa é essencial e importante. Já, quando perguntado sobre a existência de alguma política ou ação na escola que auxilia essa relação, as professoras salientaram os momentos festivos primeiramente, e em segundo plano os conhecimentos tanto da escola em relação à família, quanto da família sobre a escola. Por último, o trabalho de parceria entre escola, pais e secretarias.

Quando questionados sobre como os professores podem auxiliar os pais no desenvolvimento dos filhos, tem-se como respostas: as observações constantes da criança e as conversas com os pais. Já, quando perguntado como os pais poderiam auxiliar na inclusão da criança, as professoras salientaram que esses pais auxiliariam conhecendo a necessidade de seu filho, tendo abertura e aceitando a deficiência do filho.

E, para finalizar sobre as estratégias, as professoras salientam que as estratégias para participação efetiva das famílias de crianças PAEE devem ser repensadas, a fim de que novas estratégias sejam implementadas e, por consequência, atingisse maior número

de famílias. No entanto, para que isso aconteça, às escolas necessitam de suporte para criarem estratégias a fim de estreitar essa relação, como por exemplo, programas de intervenções com professores ou mesmo o ensino colaborativo entre professores de educação especial e professores da classe comum (BORGES, 2013; RODRIGUES, 2013).

De uma maneira geral, as professoras apontaram vários comportamentos parentais e das próprias professoras importantes para a inclusão de alunos em idade pré-escolar, mas o que mais nos chama a atenção é que os professores esperam que os pais conheçam seus filhos, mais precisamente saber sobre sua deficiência, suas necessidades para reportar a escola. O diálogo foi apontado como aspecto essencial no estabelecimento da relação família e escola. Assim, a presente pesquisa oferece dados importantes que podem ajudar a compreender e a facilitar a relação família escola de crianças PAEE.

Referências

BARROS, S.R. **O Direito ao afeto**. Revista Especial Del Rey IBDFAM - Maio 2002.

BHERING, E. DE NEZ, T. B. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 1, p.63-73, 2002.

BHERING, E.; SIRAJ-BLATCHFORD, I. A relação escolar-pais: um modelo de trocas e colaborações. **Cadernos de Pesquisa**, n. 106, p. 191-216, 1999.

BRASIL. Lei 8069/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CIA, F. **Um programa para aprimorar o envolvimento paterno: Impactos no desenvolvimento do filho**. 2009. f. 347. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2009.

CIA, F.; BARHAM, E.J.; FONTAINE, A.M.G.V. Impactos de uma intervenção com pais: Desempenho acadêmico e comportamento das crianças na escola. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 87-197, 2010.

CIA, F., WILLIAMS; L.C.A.; AIELLO, A.L.R. Influências paternas no envolvimento infantil: Revisão da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 225-233, 2005.

CRAIDY, C. M. Educação infantil e as novas definições da legislação. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G.E. (Orgs.). **Educação infantil: Pra que te Quero?** Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 23-26.

DEFENDE, E. L. SANCHEZ, T. M. ARALDI, A. MARIANE, E. **A inclusão começa em casa: família e deficiência visual**. 1ed. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2008. (série Dorina Nowill).

DESSEN, M. A.; LEWIS, C. Como estudar a "família" e o "pai"? **Paidéia**, v. 8, n. 14-15, p. 105-121, 1998.

DIAS, M. B. **Manual de Direito das Famílias**. 4.ed. São Paulo: RT, 2007.

DINIZ, M.H. **Curso de direito civil brasileiro: direito de família**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

EPISTEIN, J. Parents' reactions to teacher practices of parental involvement. **The Elementary School Journal**, v. 86, p. 94-277, 1986.

FIAMENGHI, G. A.; MESSA, A. A. Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 2, p. 236-245, 2007.

FIUMI, A. **Orientação familiar: o profissional fisioterapeuta segundo a percepção das mães de crianças portadoras de paralisia cerebral**. Dissertação de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2003.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do conteúdo**. Brasília. Liber Livros, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília. Liber Livros, 2012.

GLAT, R. Uma família presente e participativa: o papel da família no desenvolvimento e inclusão social da pessoa com necessidades especiais. **Anais do 9º Congresso Estadual das APAEs de Minas Gerais**, publicado em CD-ROM. Belo Horizonte, 2004.

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes pais ausentes: Regras e limites**. ed. 1. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUALDA, D.S. **Relação família-escola e identificação das necessidades e dos recursos dos pais de pré-escolares incluídos**. 2013. f. 94. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2013.

LEITE, E.O. **Famílias monoparentais**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

MARINHO, P. Construindo o currículo para uma diferenciação pedagógica. In: Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares. ed. 3, ano 2007. **Anais Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares**. João Pessoa: RV CELL Comunicações, p. 1-16.

MATSUKURA, T.S.; MARTURANO, E.M.; OISHI, J.; BORASCHE, G. Estresse e suporte social em mães de crianças com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, n. 3, 2007. p. 415-428.

- MATSUMOTO, A. S.; MACEDO, A. R. R. A importância da família no processo de inclusão. **Interfaces da Educação**, v. 3, n. 9, p. 5-15, 2012.
- MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 387-405, 2006.
- NARVAZ, M. E.; KOLLER, S. H. O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisas e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.55-69.
- NOGUEIRA, M. A. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Análise Social**, n. 176, p. 563-578, 2005.
- NOGUEIRA, M. A. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. **Paidéia**, v. 8, n. 14-15, p. 91-103, 1998.
- NUNES, D. G. VILARINHO, L. R. G. “Família possível” na relação escola-comunidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 5, n. 2, p. 21-29, 2001.
- OLIVEIRA, C. B. E. ; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 99-108, 2008.
- PANIAGUA, G. As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Orgs.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação – transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**, ed. 2. Vol. 3. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 330-346.
- PINHEIRO, M. H. C.; BIASOLE-ALVES, Z. M. M. A Família como base. In: WEBER, L. (Org.). **Família e desenvolvimento: visões interdisciplinares**. Curitiba: Juruá, 2008. p. 21-33.
- POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca da compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Educacional e Escolar**, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.
- POLÔNIA, A. C.; SENNA, S. R. C. M. A ciência do desenvolvimento humano e suas interfaces com a educação. In: DESSEN, M. A. COSTA JUNIOR, A. L. (Orgs.) **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Artmed, 2005. p.190-209.
- POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A. COSTA JUNIOR, A. L. (Orgs.) **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Artmed, 2005. p.71-89.
- PRATI, L. E. COUTO, M. C. P. P. MOURA, A. POLETTO, M. KOLLER, S. H. Revisando a inserção ecológica: Uma proposta de sistematização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 1, p. 160-169, 2008.

REGEN, M. A instituição família e sua relação coma deficiência. **Revista de Educação Especial**, n. 27, p. 1-8, 2006.

REIF, S. HEIMBURGE, J. A. **Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva**. Porto Editora, 2006.

RIBEIRO, D. F.; ANDRADE, A. S. A assimetria na relação entre família e escola pública. **Paidéia**, v. 16, n. 35, p. 385-394, 2006.

RÖRHMANN, K.; FERREIRA, N. J.; BORGES S. A. Famílias pluriparentais ou mosaico. **Revista do Direito Privado da UEL**, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2008.

SANCHES, I.; TEODORO, A. Da integração à inclusão escolar: Cruzando perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**, n. 8, p. 63-83, 2006.

SEKKEL, M.C.; CASCO, R. Ambientes Inclusivos para a Educação Infantil: considerações sobre o exercício docente. In: FRELLER, C.C.; DIAS, M.A.L.; SEKKEL, M.C. (Orgs.). **Educação Inclusiva: percursos na educação infantil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 19-39.

SERRA, D. Autismo, família e inclusão. **Revista Eletrônica**, v. 9, n. 1, p. 40-56, 2010.

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A. Padrões de interação genitores-crianças com e sem síndrome de Down. **Psicologia: Reflexão Crítica**, v.19, n. 2, p. 283-291, 2006.

SILVA, A.M.; MENDES, E.G. Família de crianças com deficiência e profissionais: Componentes da parceria colaborativa na escola. **Revista Brasileira de educação especial**, v. 14, n. 2, p. 217-234, 2008.

SILVEIRA, F. F. NEVES, M. M. B. J. Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: concepção de pais e professores. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 79-88, 2006.

SOUZA, M. E. P. Família/Escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. **Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>**. Acesso em: 18 ago 2013.

VIANNA, R. C. O instituto da família e a valorização do afeto como principio norteador das novas espécies da instituição no ordenamento jurídico brasileiro. **Revista da ESMESC**, v. 18, n. 24, p. 511-536, 2011.

APÊNDICE 1

**TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Você está sendo convidado para participar de uma atividade de ensino, pesquisa e extensão “Relação família e escola no contexto da inclusão”, sob responsabilidade da Profa Dra. Fabiana Cia. O motivo da realização da atividade é que a relação família e escola tem se mostrado uma ferramenta importante para a promoção do desenvolvimento de crianças pré-escolares. No entanto, é um desafio para as escolas aproximarem os pais do seu contexto. Quando considera-se pré-escolares incluídos essa relação torna-se mais importante porque os professores necessitam conhecer os comportamentos da criança em cada ambiente, transmitindo informações sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Assim, essa proposta tem por objetivo discutir sobre a temática da relação família e escola e propor atividades que estimulem tal relação.

Você foi selecionado porque atende aos seguintes critérios de seleção dos participantes: professor de educação infantil do município. Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A sua recusa na participação não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com o andamento desta atividade.

Sua participação consistirá em participar do curso e responder questionários e/ou discutir sobre algumas temáticas relacionada a atividade, por meio de grupos focais. Todas as informações obtidas através dessa atividade serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas previstas no estudo.

Os dados coletados durante o estudo serão analisados e apresentados sob a forma de relatórios e serão divulgados por meio de reuniões científicas, congressos e/ou publicações, com a garantia de seu anonimato. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

Profa Dra. Fabiana Cia

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos-SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

São Carlos, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Sujeito de Pesquisa

Prof. Dra. Fabiana Cia
Pesquisadora responsável pelo projeto
Departamento de Psicologia – UFSCar
Curso de Licenciatura em Educação Especial
Contato: Rod. Washington Luís, Km 235, - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São
Carlos - SP – Brasil
Telefone: (16) 3351-9358/ (16) 97093773
E-mail: fabianacia@hotmail.com

APÊNDICE 2
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: INICIAL E CONTINUADA

1- Quando concluiu seu curso de Graduação? _____

Em qual instituição? _____

2- Possui curso de Pós-graduação Latu-Senso (especialização)? () Sim () Não () Em curso

Em que área? _____

3- Possui curso de pós-graduação Stricto-Senso? () Sim () Não () Em curso

Qual? () Mestrado () Doutorado

Em que área? _____

4- Já lecionou ou leciona para crianças com necessidades educacionais especiais?

() Sim () Não. Se sim, quais necessidades?

() Deficiência intelectual/ Síndrome de Down

() Deficiência física

() Deficiência auditiva

() Deficiência visual

() Autismo

() Deficiência múltipla

() Altas habilidades/superdotação

APÊNDICE 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES - GRUPO FOCAL

Família

- 1- Qual a concepção de família?
- 2- Quais são as possíveis constituições familiares?
- 3- Quais as informações que são importantes que o professor saiba sobre as famílias?

Importância da família para o desenvolvimento infantil

- 1- Qual a importância da família para o desenvolvimento infantil?
- 2- Quais os comportamentos dos pais ou cuidadores que contribuem com o desenvolvimento dos filhos?
- 3- O que os pais podem fazer para auxiliar os filhos na escola?

Família de crianças público alvo da educação especial

- 1- Quais são as características das famílias de crianças público alvo da educação especial?
- 2- Quais são os recursos e as necessidades das famílias de crianças público alvo da educação especial?
- 3- Quais os comportamentos dos pais que auxiliam na inclusão da criança pré-escolar?

Relação família e escola

- 1- O que é a relação família e escola?
- 2- Qual a importância da relação família e escola de crianças incluídas?
- 3- Tem alguma política ou ações na escola que auxiliam na relação família e escola?
- 4- Como os professores podem auxiliar os pais no desenvolvimento dos seus filhos?
- 5- Como os pais podem auxiliar os professores na inclusão dos seus filhos?

Estratégias para promover a relação família e escola

- 1- Quais as estratégias na escola que são realizadas para fomentar a relação família e escola?
- 2- Quais as estratégias que a escola poderia fazer para aproximar os pais nas atividades escolares do filho, em casa e na escola?

APÊNDICE 4

Tabela 12. Políticas e ações escolares para auxiliar na relação família e escola de crianças público alvo da educação especial, segundo a opinião das professoras

Categorias:	Falas ilustrativas:
1-Transmissão de conhecimento (tanto da escola quanto à família, tanto da família quanto à escola).	<p>1-“Conhecimentos das necessidades, adaptando o que você pode fazer, conversar com todos os docentes e a equipe que vai receber esta criança e assim compartilhar o conhecimento”.</p> <p>2- “[...] valorizar o trabalho dela e a família vai poder ter conhecimento dos seus progressos. A gente tem que pensar que um ambiente negativo influencia a criança, tanto em casa quanto na escola ela leva isto para outros ambientes”.</p> <p>3- “[...] mostra mais desses temas, vídeos, rodas de conversa para não entrar o processo de preconceitos e tanto a família quanto a escola ter conhecimentos”.</p>
2- Trabalho conjunto (escola, pais e secretaria).	<p>1-“A participação é bem bacana na escola que trabalho, então, a diretora que já está ali há oito anos, ela já conseguiu mudar a postura dos pais. Então, com o tempo, ela conseguiu trazer os pais para a escola, para um trabalho conjunto”.</p> <p>2- “Nas reuniões de HTPC explorar isso e passar as experiências. Em uma reunião conjunta entre pais e professores é importante a diretora abrir este espaço no conselho da escola”.</p> <p>3- “Quando não consegue fazer o básico internamente na escola, pode-se recorrer a ajuda externa que irá favorecer a criança no ambiente com a satisfação dos pais e dos professores, como por exemplo, a Secretaria”.</p>
3- Momentos festivos.	<p>1-“Tem algumas ações, mas acho que são poucas, bazar, apresentações, término de ano. Teve um ano que trabalhei na escola que as famílias eram bastante presentes”.</p> <p>2- “Além da reunião de pais oferecer atividades extras como festas, não só para o fim escolar, mas para servir de recurso escola e para chamar os pais”.</p> <p>3- “Apresentações de teatro, a festa da família, festas que a família é convidada a participar”.</p>